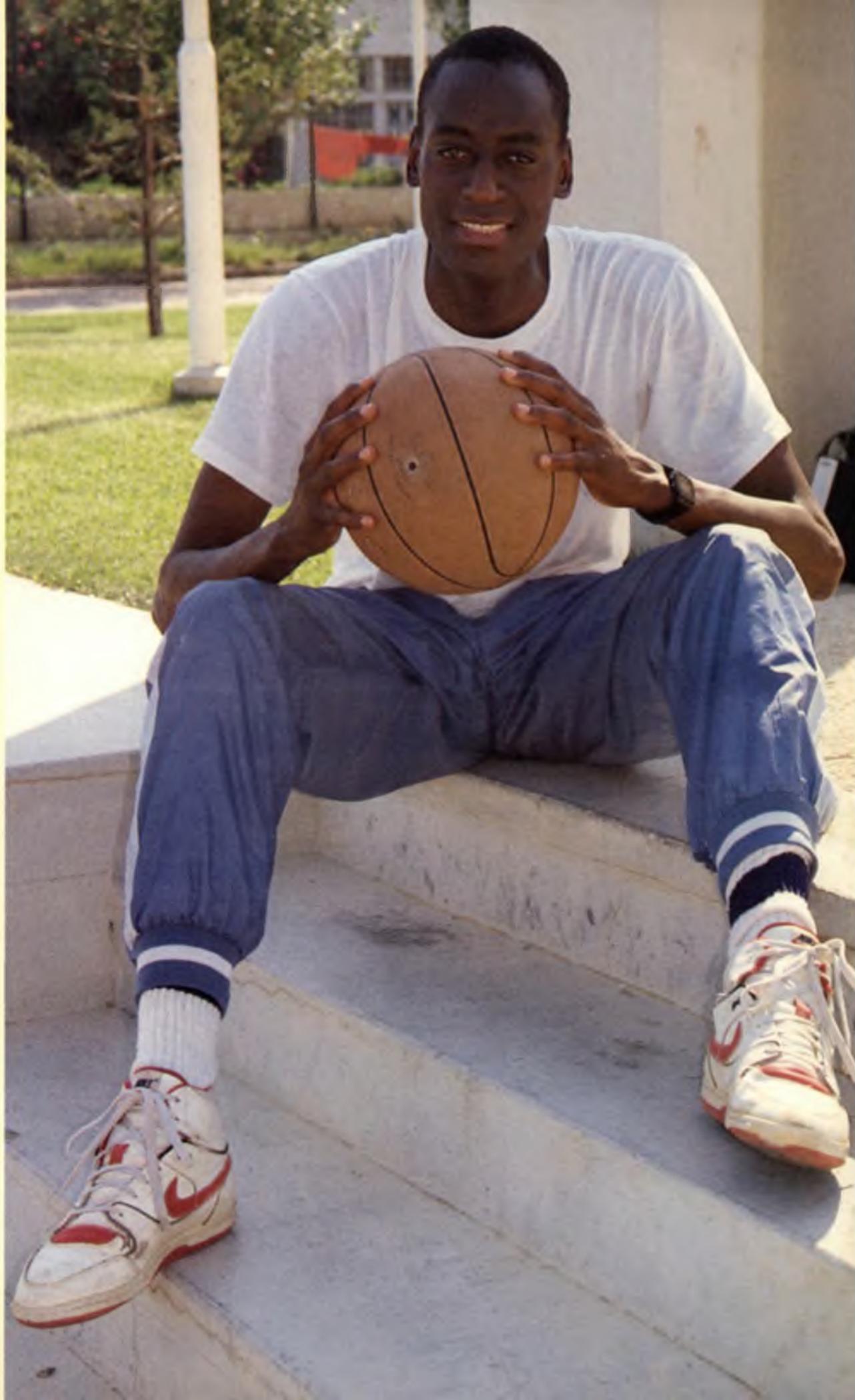


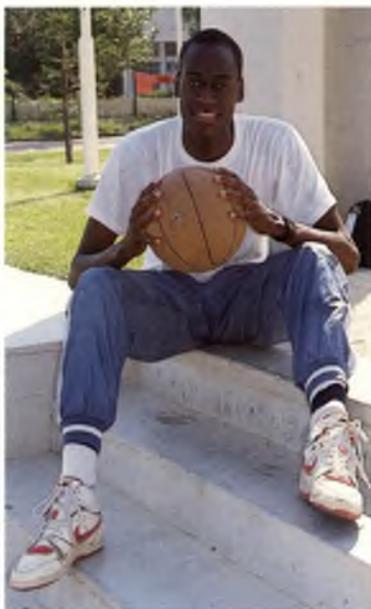
A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1993



A LIAHONA

MARÇO 1993



Na capa:

Desde a época em que vivia numa cabana de pau-a-pique na África, até jogar basquete profissional em Portugal, Olívio Gomes Manuel sempre acreditou estar sendo preparado para alguma coisa. Encontrou essa "alguma coisa" na forma de dois missionários. Vide "Olívio Gomes Manuel: O Segredo de Seu Sucesso", página 34. Fotografia de Lisa A. Johnson.

Capa da Seção Infantil:

Irmãs dedicadas e zelosas simbolizam famílias eternas, dedicadas e zelosas. Vide "As Famílias Poderão Ser Eternas", página 8 da seção infantil. Fotografia de Steve Bunderson.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: EU CREIO PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY	2
ABENÇOADOS, HONRADOS PIONEIROS MARY ELLEN EDMUNDS	12
O PRIMEIRO JEJUM DE MANOLI CAROL ANN BAUGHMAN RIVERO	24
JOHN TAYLOR, O CORAJOSO LEON R. HARTSHORN	26
CARLOS E MARIA ROIG: UMA MUDANÇA DE CORAÇÃO MARVIN K. GARDNER	40
SOU UMA MULHER "ESCONDIDA PELO LAR"? PETREA KELLY	46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

ELE NÃO ERA MÁ PESSOA JULENE M. JOLLEY	10
MENSAGEM MÓRMON	19
OLÍVIO GOMES MANUEL: O SEGREDO DE SEU SUCESSO LISA A. JOHNSON	34

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
PERGUNTAS E RESPOSTAS: COMO POSSO VENCER A PROCRASTINAÇÃO?	20
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: CUIDAR DAS IRMÃS COM FÉ E DESVELO	25

SEÇÃO INFANTIL

O HOMEM DA LATA DE LIXO PAUL WEIS	2
TEMPO DE COMPARTILHAR: TEMPLOS E ORDENANÇAS JUDY EDWARDS	6
HINO: AS FAMÍLIAS PODERÃO SER ETERNAS RUTH M. GARDNER E VANJA Y. WATKINS	8
SÓ PARA DIVERTIR	9
AMIGOS EM NOTÍCIA: DA ESPANHA E DE PORTUGAL	10
DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER MONTE J. BROUGH	12
GEORGE ALBERT SMITH KELLENE RICKS	14
CÁPSULA DO TEMPO RUTH IMAN	16

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson,
Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter,
Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,
David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell,
Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard,
Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Rex D. Pinegar, Charles Didier,
Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo:

Ronald L. Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Controlador: Diana Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steven L. Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
05599-970 - Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 115.000,00; para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 10.000,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A Liahona (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9,00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

• O SENHOR ESTÁ SEMPRE PRESENTE

O artigo "Crer em Cristo", de Stephen E. Robinson, no número de abril de 1992 da *Nordstjarnan* (em sueco) ajudou-me a entender que não posso fazer tudo sozinha. Preciso da ajuda de Cristo. Compreendo, agora, que não é necessário correr mais rapidamente do que minhas forças o permitem e que posso obter ajuda. Hoje, procuro fazer o melhor que posso e sei que, com a ajuda do Senhor, posso continuar tentando. Ele está sempre presente.

Gisela Jacobi

Ramo Helsingborg, Distrito Malmo

Svalov, Suécia

• CONFORTO E FORÇA

A despeito do compromisso da Igreja para com o conceito de casamento e família, há muitas irmãs solteiras que freqüentam a Igreja sozinhas, por não terem tido a oportunidade de se casarem no templo.

Por favor, publiquem mais histórias de irmãs solteiras na *Seito no Michi* (em japonês). Estas histórias ajudam-me a ter esperança de que, se for fiel, receberei as bênçãos que o Senhor nos prometeu nesta vida.

Sou ex-missionária e tenho tido muitas provações ao tentar viver os princípios do evangelho. No entanto, o evangelho e a *Seito no Michi* dão-me forças. Obrigada pelo conforto transmitido pelos artigos.

A pedido, nome não revelado

Japão

• HISTÓRIAS INSPIRADAS

Sou membro novo de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias nas Filipinas e leio o *Tambuli* (em inglês). É

maravilhoso para mim estar aprendendo tantas coisas mais sobre o Pai Celestial e a Igreja. Gosto muito de ler e reler o *Tambuli*.

Fiquei impressionada com o artigo "A Conquista dos Ares", publicado em abril de 1992, que fala sobre Jenny Ireland e seu espírito irreprimível. Ela realmente me inspirou a dar o melhor de mim. Por favor, continuem a publicar artigos sobre membros novos que estão realizando grandes feitos em sua vida. Essas histórias aumentam meu desejo de viver o evangelho.

Alleli S. Orias

Tayabas, Quezon, Filipinas

• NOTA DO EDITOR

Você já teve uma experiência inspiradora que o aproximou mais do Senhor? Estamos procurando histórias escritas por nossos leitores que ilustrem princípios do evangelho na vida das pessoas, tais como: conversão, serviço, oração, dízimo, freqüência ao templo, obra missionária e jejum. Poderia ser uma experiência como professora visitante, ou uma visão diferente obtida do estudo das escrituras, uma ocasião em que foi abençoado por seguir os sussurros do Espírito Santo, ou alguma coisa que tenha aprendido, cumprindo chamado na Igreja ou cuidando da família.

Gostaria de compartilhar sua experiência com os leitores? Se assim quiser, envie seu artigo para International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Inclua nome completo, endereço, ala ou ramo, estaca ou distrito, cidade e país. O artigo pode ser escrito à mão ou datilografado em sua própria língua. Nós o traduziremos. Os originais que não forem publicados serão devolvidos.



Eu Creio

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Cada um de nós é, em grande parte, produto daquilo em que acredita. Nosso comportamento é governado por nossas crenças. Elas se tornam nosso padrão de conduta.

As treze Regras de Fé enunciadas por Joseph Smith são consideradas expressão de doutrina desde 1842, quando foram escritas com o intuito de expor resumidamente nossa teologia. Elas têm sido usadas como resumo de nossa crença, para que todo o mundo as conheça.

Tenho um conjunto de crenças pessoais secundárias, dez para ser mais exato, que escrevi para me servirem de lembrança e orientação na vida. Pediram-me que vo-las transmitisse. Eu o faço com certa relutância, porque são de natureza pessoal, mas com a esperança de que motivem outras pessoas. As dez afirmações não se encontram necessariamente em ordem de importância.

UM: CREIO NAS MARAVILHAS DO CORPO HUMANO E NO MILAGRE DA MENTE HUMANA.

Tenho em casa um aparelho de som razoavelmente bom. Não o utilizo com frequência, mas, de vez em quando, eu me sento em silêncio, à meia luz, e ponho-me a escutar, por cerca de uma hora, músicas que perduraram

Creio que o corpo humano é criação da Divindade. Nosso corpo foi designado pelo Pai Celestial para ser tabernáculo de nosso espírito eterno.

através dos séculos devido à excelente qualidade. Ouvi, outra noite, o Concerto para Violino de Beethoven e maravilhei-me por tal música ter saído da mente de um homem. O compositor, suponho, assemelhava-se bastante a qualquer um de nós. Não sei qual era a sua altura, o tamanho de seu corpo, ou seu peso. Imagino que sentia fome, dor e tinha a maioria dos problemas comuns a todos, e talvez alguns que não enfrentamos. Da genialidade daquela mente, porém, saiu a extraordinária harmonia que criou raras e magníficas obras-primas da música.

Já tivestes a oportunidade de refletir no milagre que sois, os olhos que vos fazem enxergar, os ouvidos com que ouvís, a voz com que falais? Nenhuma câmara já construída pode ser comparada ao olho humano. Nenhum meio de comunicação já elaborado pode ser comparado à voz e ao ouvido. Nenhuma bomba já construída funciona por tanto tempo e tão eficientemente quanto o coração humano. Que coisa extraordinária é cada um de nós.

Olhai para vosso dedo. A mais habilidosa tentativa de reproduzi-lo mecanicamente produziu apenas uma rude imitação. Na próxima vez que usardes vosso dedo, olhai para ele, e percebei quão maravilhoso é. Certa vez, numa sala de concertos, sentei-me num local de onde podia ver os dedos dos instrumentistas. Cada um deles, tanto os que tocavam instrumentos de cordas quanto os que tocavam instrumentos de percussão, metais ou sopros — todos usavam os dedos. Não precisamos dos dedos para cantar ou assobiar, mas excluindo-se essas exceções, haveria muito pouca harmonia musical sem a agilidade de dedos treinados.

Creio que o corpo humano é criação da Divindade. George Gallup observou certa vez: “Posso provar a existência de Deus estatisticamente. Tomem o próprio corpo humano como exemplo — a possibilidade de que todas as funções do indivíduo simplesmente ocorram por acaso é estatisticamente impossível”. Nosso corpo foi

designado pelo Pai Celestial a ser tabernáculo para nosso espírito eterno.

Sou grato pelo crescente conhecimento a respeito do cuidado do corpo. Li, certa vez, que ao fumar um único cigarro, estatisticamente falando, o indivíduo estaria perdendo sete minutos de vida. Pergunto-me como uma pessoa em sã consciência pode vir a fumar um cigarro. Como pode uma pessoa em sã consciência introduzir drogas destrutivas em seu corpo? Como pode uma pessoa em sã consciência expor-se à mortal ameaça da AIDS ou outro tipo de problemas de saúde pelo uso indevido do próprio corpo?

Penso nas maravilhas de nosso tempo, o mais grandioso de todos da história da humanidade. Mais invenções e descobertas científicas ocorreram durante minha vida do que em todos os séculos anteriores da história da humanidade.

Que milagre é a mente humana! Pensai no poder que ela tem de assimilar conhecimentos, de analisar e sintetizar. Que coisa extraordinária é o aprendizado, o processo pelo qual o conhecimento acumulado de séculos é resumido e avaliado de modo que rapidamente possamos aprender o que originalmente necessitou de longos exercícios de pesquisa, tentativas e erros.

A educação é o grande processo de conversão pelo qual o conhecimento abstrato se transforma em atividade útil e produtiva. Nunca deve ser interrompida. Não importa a idade que tenhamos, podemos adquirir conhecimentos e fazer uso deles. Podemos acumular sabedoria e dela tirar proveito. Podemos entreter-nos com o milagre da leitura e admirar as artes, de modo a aumentar as bênçãos e a plenitude de nosso viver. Quanto mais envelheço, mais aprecio as palavras de escritores inteligentes, antigos e modernos, e a leitura prazerosa dos livros que escreveram.

Vivemos sob o divino mandamento de “[buscar] conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé” (D&C 88:118). E “qualquer princípio de inteligência que



alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição” (D&C 130:18).

DOIS: CREIO NA BELEZA

A terra em sua beleza original é uma expressão da natureza de seu Criador. A linguagem utilizada no primeiro capítulo de Gênesis me intriga. Ele declara que “a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo” (Gênesis 1:2). Suponho que essa imagem tinha tudo, menos beleza.

“E disse Deus: Haja luz. E houve luz” (versículo 3). E, assim, continuou a criação até que “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (versículo 31).

Minha interpretação dessa passagem é que havia beleza, porque “o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista” (Gênesis 2:9).

Creio na beleza da natureza: as flores, os frutos, o céu, o pico das montanhas e as planícies em que se

encontram. Vejo e acredito na beleza dos animais.

Vejo e admiro a beleza nas pessoas. Não estou tão preocupado com a aparência que vem do uso de loções e cremes, pastas e máscaras, como mostrada nas revistas e na televisão. Não me importa se a pele é escura ou clara. Vi pessoas bonitas em todos os países por onde andei. As criancinhas são belas em qualquer lugar do mundo, e também os idosos, cujas mãos e faces enrugadas demonstram a luta pela sobrevivência.

Creio na beleza da virtude pessoal. Existe tanta feiúra no mundo em que vivemos. Ela se manifesta na linguagem vulgar, no modo desleixado de vestir e de agir, no comportamento imoral que zomba da beleza, da virtude, e que sempre deixa cicatriz. Cada um de nós deve viver acima do mal sórdido e destrutivo que é a imoralidade.

TRÊS: CREIO NO EVANGELHO DO TRABALHO

Não há nada abaixo dos céus que substitua o trabalho produtivo. É o processo pelo qual os sonhos se tornam realidade. É o processo pelo qual fantasias vagas se transformam em realizações dinâmicas.

Muitos de nós somos preguiçosos por natureza. Gostamos mais de brincar do que de trabalhar. Preferimos folgar a ter que trabalhar. Um pouco de diversão e um pouco de folga fazem bem, mas é o trabalho que estabelece a diferença na vida de um homem ou de uma mulher. É o desenvolvimento da mente e a utilização das mãos que nos elevam acima da mediocridade. É o trabalho que nos dá o alimento, as roupas, a casa em que vivemos. É inegável a necessidade do trabalho de mãos hábeis e de mentes treinadas, para crescermos e prosperarmos individualmente, e para que nossa nação seja respeitada pelo mundo.

Quando Adão e Eva foram expulsos do jardim, Jeová declarou: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra”. (Gênesis 3:19.)

QUATRO: CREIO QUE A HONESTIDADE AINDA É A MELHOR POLÍTICA

Que coisa destrutiva é a desonestidade! Ela se tornou um câncer na sociedade. Profissionais da área de seguros relatam os custos crescentes de reivindicações desonestas. A sonegação de impostos rouba milhões ao tesouro nacional e coloca um fardo injusto e excessivo sobre os que pagam honestamente. Furto por funcionários, contabilização de despesas falsas e coisas semelhantes causam enormes perdas às instituições. A instituição talvez suporte a perda de dinheiro, mas o indivíduo não pode permitir-se a perda do auto-respeito.

Uma carta e um cinzeiro vieram parar no escritório do Bispado Presidente. A carta dizia: "Caro senhor, roubei de seu hotel o cinzeiro anexo, em 1965. Depois de muitos anos, quero desculpar-me e pedir-lhe que me perdoe meu erro. Sinceramente, (assinatura). P.S.: Estou anexando um cheque para tentar reembolsá-lo pelo cinzeiro".

O cheque era de US\$26,00, um dólar para cada ano que o cinzeiro ficou com ele. Posso imaginar que, durante aqueles vinte e seis anos, cada vez que batia o cigarro na beirada do cinzeiro, ele sentia uma dor na consciência. Não sei se o hotel deu por falta do cinzeiro, mas o homem que o furtou teve falta da paz por mais de um quarto de século, e acabou pagando pelo cinzeiro muito mais do que ele valia. Sim, a honestidade é a melhor política.

CINCO: CREIO NA OBRIGAÇÃO E NA BÊNÇÃO DO SERVIÇO

Falo do serviço que é prestado sem expectativa de recompensa financeira. A maior parte dos problemas do mundo provém da ganância do ser humano. Que coisa saudável e maravilhosa para um homem ou uma mulher é deixar de lado expectativa de ganhos pessoais e dar de si com força e energia, com o propósito de ajudar os menos afortunados, de melhorar a comunidade, de

limpar o meio ambiente e embelezar a paisagem. Quão maior seria o sofrimento dos desabrigados e famintos de nossas comunidades sem o serviço de centenas de voluntários que dão tempo e dinheiro para ajudá-los.

Tenho um amigo, um advogado famoso e bem sucedido. Quando se casou, a esposa lhe disse: "Tomemos a decisão de usar um quarto de nosso tempo livre para melhorar a comunidade em que vivemos". Muitos anos se passaram, e aquela resolução foi cumprida. O marido, agora viúvo, recebeu reconhecimento por haver assumido de maneira dinâmica e altruísta, a liderança de diversos projetos para melhoria das águas e do meio ambiente, e por demonstrar extraordinária visão do futuro na construção de instalações públicas que se tornaram uma bênção na vida de todos os cidadãos daquela região.

Todos os que já cumpriram missão podem testificar a enorme alegria de servir ao próximo. Em algumas áreas do mundo, um grande exército de professores voluntários do seminário e instituto levam avante o trabalho de instrução. Conversei com um deles, há poucos dias, um homem de negócios bem sucedido, que acorda às cinco da manhã, cinco dias por semana, para dar aula no seminário. Disse ele: "É a melhor coisa que faço". Ninguém pode viver plenamente e com alegria, se viver apenas para si. Disse o rei Benjamim: "Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus" (Mosiah 2:17).

SEIS: CREIO QUE A FAMÍLIA É A UNIDADE BÁSICA E MAIS IMPORTANTE DA SOCIEDADE

As maiores alegrias da vida são vividas nas relações familiares felizes. As mais dolorosas aflições, a depressão e a desesperança são frutos de uma vida familiar infeliz.

Há muitos insucessos no mundo, mas o maior de todos, em minha opinião, é o insucesso de um lar desfeito. A dor que isso causa não pode ser medida.

A principal causa de tudo isso é o egoísmo. A cura da



maior parte dos problemas encontra-se no arrependimento, por parte do ofensor, e no perdão por parte do ofendido.

Todo casamento está sujeito a problemas ocasionais. Eles podem, porém, ser superados com paciência, respeito mútuo e tolerância. Quando erros são cometidos, podemos pedir desculpas, arrepender-nos e pedir perdão, mas é necessário que haja o desejo de seguir esses passos, por parte do marido e da mulher.

Creio na família em que o marido considera a esposa como a maior bênção e trata-a de acordo, em que a mulher considera o marido como a fonte de estabilidade e força, conforto e segurança, em que os filhos olham para a mãe e o pai com respeito e gratidão, em que os pais consideram os filhos como bênção, e a responsabilidade de criá-los e educá-los, como um grande, sério e maravilhoso desafio. A edificação de um lar nesses moldes requer esforço e energia, perdão e paciência, amor, perseverança e sacrifício, mas vale tudo isso e ainda mais.

Apreendi que a essência real da felicidade no casamento repousa não tanto no romance como no cuidado e preocupação pelo conforto e bem-estar do cônjuge. Pensar somente em si mesmo e na gratificação dos desejos pessoais não edificará nem confiança, nem amor, nem felicidade. Somente quando há altruísmo é que o amor, e suas características florescem e dão frutos.

O casamento, em seu significado mais verdadeiro, é uma sociedade igualitária, onde um não exerce domínio sobre o outro, mas os dois se encorajam e auxiliam mutuamente em todas as responsabilidades e aspirações que venham a ter.

SETE: CREIO NO PRINCÍPIO DA ECONOMIA

Estamos vendo na sociedade muitas falências de empresas, num grau e extensão que não eram vistos há muito tempo. Muitas dessas falências são resultado de empréstimos imprudentes, de dívidas tão grandes, que não podem ser pagas. Na América, temos visto bilhões e bilhões de dólares perdidos na falência de instituições de crédito e poupança, que foram forçadas a fechar as portas porque os devedores não pagaram as dívidas. Temos visto bancos fortes abalados e forçados a interromper suas atividades porque aqueles a quem emprestaram não têm condições de pagar as dívidas. Penso em uma grande empresa aérea internacional, cujos bens foram liquidados recentemente. Ela não conseguiu pagar suas dívidas. Houve uma época em que era considerada a empresa aérea comercial mais importante do mundo. Utilizei seus serviços ao viajar para regiões distantes, onde esta outrora poderosa rainha das empresas aéreas era o que havia de melhor. Perdeu, entretanto, o senso de liderança, fez empréstimos acima de sua capacidade e foi, pouco a pouco, vendendo suas rotas. Agora está desativada.

“As empresas americanas utilizam atualmente cinquenta por cento de seus ganhos para o pagamento de dívidas, o

dobro da porcentagem utilizada há 15 anos.” (*U.S. News and World Report*, 15 de outubro de 1990, página 136).

Esse problema, porém, não se limita às instituições comerciais. Atinge também um número incontável de indivíduos. No período de um ano, as dívidas pessoais, não relacionadas a moradia, nos Estados Unidos, aumentaram em 27 bilhões de dólares. “A família típica gasta agora trinta por cento de sua renda no pagamento de dívidas, quando gastava vinte por cento há um ano”. (*Ibid.*)

Nossos antepassados pioneiros seguiam o seguinte ditado: “Conserte, use até acabar, faça com que funcione, ou viva sem.”

Contrair dívidas razoáveis para a compra de uma casa que esteja dentro das possibilidades de pagamento e talvez para outras coisas necessárias, é algo aceitável. De meu ponto de vista, porém, posso ver de modo bastante vívido as terríveis tragédias daqueles que insensatamente contraíram dívidas para comprar coisas de que realmente não precisavam.

Disse certa vez o Presidente Grant: “Se existe uma coisa que traz paz e contentamento ao coração humano e à família, é viver apenas com nossos recursos. Não há coisa mais opressora, desanimadora e triste do que ter dívidas que não se pode saldar e obrigações que não se pode cumprir”. (Folheto “*Constância em meio a Mudança*”, p.6, 33394 059.)

OITO: CREIO EM MIM MESMO

Não tenho a intenção de dizer isto com convencimento. Creio, entretanto, na minha como na vossa capacidade de fazer o bem, de contribuir para a sociedade da qual fazemos parte, de crescer e desenvolver-nos e de fazer algo que podemos hoje considerar impossível.

Creio que sou um filho de Deus e que tenho uma herança divina. Creio que existe algo de divino em mim e em cada um de vós. Creio possuímos uma herança divina, e que é nossa responsabilidade, nossa obrigação e

nossa oportunidade cultivar e desenvolver nossas melhores qualidades interiores.

Embora meu trabalho pareça humilde, embora minha contribuição seja pequena, posso realizá-la com dignidade e oferecê-la de modo altruísta. Meus talentos podem não ser grandes, mas posso utilizá-los para abençoar o próximo. Posso ser um dos que trabalham com orgulho naquilo que vem das mãos e do coração. Posso ser um dos que respeitam colegas de trabalho, suas opiniões e crenças, compreendendo seus problemas e tendo o desejo de ajudá-los, caso tropecem. Creio no princípio de que posso influenciar o mundo, e que essa influência, por menor que seja, contribuirá para um bem maior. A bondade existente no mundo em que vivemos é a soma de muitas ações pequenas e aparentemente insignificantes.

NOVE: CREIO EM DEUS, MEU PAI ETERNO, E EM SEU FILHO AMADO, O REDENTOR DO MUNDO.

Creio no princípio da Regra de Ouro enunciada por Jesus Cristo: “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós”. (Mateus 7:12.) Creio no princípio da segunda milha por ele mencionado no Sermão da Montanha. Apesar da dificuldade de segui-lo, creio na paciência, no perdão e na caridade que ele ensinou.

Creio em adorar a Deus “de acordo com os ditames da nossa consciência e [em conceder] a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde, ou o que quiserem” (Décima primeira Regra de Fé).

Creio nos santos escritos do passado. Nossos livros sagrados, nossas escrituras, estabeleceram a base de nossa lei civil, de nosso relacionamento social, de nossas responsabilidades familiares e, acima de tudo, ensinamentos, princípios e mandamentos divinos, pelos quais dirigimos nossa vida. Eles proclamam a inexorável lei da colheita: “O que semeardes, isso colhereis”. (Vide Gálatas 6:7 e D&C 6:33). Eles explicam detalhadamente a lei da responsabilidade, pela qual deveremos um dia prestar



contas de nosso trabalho, nossas atividades e nossas palavras ao Deus dos céus, que nos concedeu o privilégio da vida, com todas as suas alegrias, oportunidades e desafios.

“E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (João 17:3.)

Não completamente, mas em parte pelo menos, vim a conhecer e a amar meu Pai Celestial e meu Redentor.

DEZ: CREIO NA ORAÇÃO

Creio no convite de buscar meu Pai Eterno em nome do Senhor Jesus Cristo. Creio ser verdadeira a promessa: “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5).

Foi essa promessa que levou o menino Joseph Smith a ir ao bosque, onde se ajoelhou em súplica e pediu

resposta à sua indagação.

Creio, sem qualquer dúvida, na realidade da visão descrita por Joseph Smith. Dessa fonte de comunicação do Deus dos céus, que é o Redentor ressuscitado do mundo, com um menino puro de coração e sem estudos, brotou esta magnífica, maravilhosa e verdadeira Igreja, que se está espalhando por toda a terra, para abençoar a vida de todos os que derem ouvidos à sua mensagem.

Creio na oração, essa oração que é prática comum dos que são chamados para cargos de liderança nesta Igreja, e que suscita inspiração e revelação de Deus, para bênção de sua Igreja e de seu povo.

Creio na oração, o privilégio precioso e maravilhoso que nos foi dado para nossa orientação, consolo e paz.

Estas, portanto, são as minhas dez regras de fé. Ao mencioná-las, utilizei a primeira pessoa do singular, o que raramente é bom. Procuro seguir essas crenças, não com o sucesso que poderia esperar, mas, pelo menos, com o desejo de fazê-lo. Ofereço-as apenas com a esperança de que venham a ser úteis para alguém. □

AUXÍLIOS PARA DEBATE

1. Somos, em grande parte, produto de nossas crenças, que governam nosso comportamento.

2. O Presidente Hinckley apresenta dez diretrizes pessoais que incluem crença:

- no milagre do corpo e da mente humana.
- na beleza
- no evangelho do trabalho
- na honestidade como melhor política
- na obrigação e bênçãos do serviço
- na família como unidade mais importante da sociedade
- no princípio da economia
- em si mesmo
- em Deus, o Pai, e seu filho, Jesus Cristo
- na oração

ELE NÃO ERA M

Julene M. Jolley

“Hoje falaremos sobre casamento no templo”, disse a professora da classe de Meninas Moças, sorrindo docemente. Preparei-me, pois ia acontecer de novo.

Cada vez que assuntos como casamento no templo ou Palavra de Sabedoria eram debatidos, alguém parecia mencionar meu pai, que além de não ser membro da Igreja, fumava. Muitas vezes, ele tinha até mesmo servido como exemplo.

Duas horas depois, ainda enrubescida e embaraçada devido aos comentários da classe, fui para casa a pé.

Meu pai tem um mau hábito, mas não é má pessoa, pensei irritada. Como eles podem julgá-lo, se não o conhecem de verdade?

Naquela noite, depois da Igreja, procurei algumas escrituras sobre julgar as pessoas e encontrei exatamente a que eu esperava: “Mas . . . como nem sempre podes discernir os injustos dos justos, . . . permaneças calado, até que me

pareça conveniente tornar conhecidas ao mundo todas as coisas concernentes ao assunto” (D&C 10:37).

Li e reli o versículo muitas vezes, e cada vez sentia mais raiva dos membros da ala.

Esta escritura é prova de que estou certa, e eles estão errados, pensei enraivecida.

Visualizei-me no púlpito, citando essa escritura e corrigindo todas as pessoas. Certamente, a congregação se desmancharia em lágrimas de arrependimento. Mal podia aguardar a reunião de testemunho no domingo seguinte.

Durante a semana, porém, a raiva começou a desgastar-me. Era uma batalha grande demais para uma só pessoa.

Como poderia brigar com a ala inteira? pensei, preocupada.

Aproximando-se o domingo, formulei um plano melhor — um plano que mostraria realmente o meu ressentimento: ficaria em casa com meu pai aos domingos.



À PESSOA

Quando minha mãe e minhas irmãs estavam prontas para ir à Igreja, vesti um agasalho de ginástica e estirei-me preguiçosamente em frente à televisão, com meu pai. Minha mãe ficou angustiada, mas eu tinha certeza de que meu pai me apoiaria.

Depois de todos terem saído, ele me perguntou por que eu ficara em casa. Contei-lhe tudo, incluindo quanto severamente ele estava sendo julgado por alguns membros da ala.

Ele ficou quieto por um momento. Depois, perguntou se a Igreja era importante para mim.

“Claro”, disse eu.

“Você acredita que ela seja verdadeira?”, indagou.

“Sim, é”, respondi, imaginando onde ele queria chegar.

“Se ela é verdadeira, nunca deixe que alguma coisa que digam ou façam afaste-a dela. Além disso, pensei que os mórmons não julgassem”, disse ele, cutucando-me de brincadeira.

“Permanece calado”, ecoaram as palavras da escritura. De repente, parecia que elas se aplicavam mais a mim do que à ala. Em minha ira, esquecera-me de que as pessoas erram e, às vezes, dizem coisas que magoam, embora não tenham essa intenção. Talvez eu tenha julgado os membros da ala injustamente, pensei. No próximo domingo eu voltaria à Igreja.

Meu pai sempre me ensinou honestidade, respeito, trabalho diligente e amor. Naquela tarde, porém, ele me ensinou a perdoar. □



ABENÇOADOS, HONRADOS PIONEIROS

As mulheres SUD de todo o mundo mantêm vivo o legado dos pioneiros, aliviando fardos e preparando o caminho para outros.

Mary Ellen Edmunds



CORTESIA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE DENVER,
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA OCIDENTAL

Minha mãe nunca puxou um carrinho-de-mão, no entanto era uma pioneira. Lembro-me de ter visitado os doentes com ela, alimentado os famintos, e consolado os enfraquecidos.

No dia 24 de julho de 1977, um domingo, 130 anos após a chegada dos primeiros pioneiros mórmons ao vale do Lago Salgado, fiz um discurso na reunião sacramental sobre os pioneiros. Foi difícil preparar e fazer o discurso, porque falei numa língua que havia acabado de aprender: o indonésio. Eu era membro do Ramo Solo, no centro de Java.

Ao discursar sobre os pioneiros, dei-me conta de que os membros daquela pequena congregação também eram pioneiros — os primeiros membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias numa terra verdejante e antiga.

Depois do discurso, algumas irmãs agradeceram-me, por ajudá-las a compreender algo sobre o quanto os pioneiros de Utah sofreram e sobre a grande fé que possuíam. Pensei em tudo que aprendi com esses grandes santos indonésios a respeito de fé e sofrimento. Seus esforços pioneiros pareciam-me tão significativos quanto as histórias da jornada dos pioneiros para o oeste americano. As

palavras de um hino em louvor aos primeiros pioneiros mórmons vieram-me à mente: “Eles, os construtores da nação”. E pensei o quão apropriadamente essas palavras se aplicavam às irmãs javanesas.

Pouco a pouco, por meio de experiências como esta na Indonésia, comecei a perceber que o pioneirismo ainda ocorre por toda parte. Não começou no século XIX

e não terminou quando todos os grupos de carroções e carrinhos-de-mão chegaram ao seu destino. Pioneiro é alguém — qualquer pessoa — que vai primeiro. Isso acontece no século XX, assim como aconteceu no século XVIII, ou no XIX. Acontece em todas as vilas e bairros, em todas as cidades e subúrbios onde alguém tem a coragem de liderar com retidão. Abrindo trilhas, eles marcam o caminho a ser seguido pelos demais. Conheci algumas dessas pioneiras e minha vida foi enriquecida por causa delas.

FACES DA FÉ

Quando penso em pioneiras abençoadas e honradas, vejo rostos. Especificamente, vejo faces de mulheres que me ajudaram a compreender por que “A Caridade Nunca Falha” foi escolhido como lema da Sociedade de Socorro. Essas irmãs têm verdadeiramente o serviço por lema e o amor por estrela-guia. Seguramente, a cada dia algum fardo



ILUSTRADO POR KEITH LARSEN

Aqueles pioneiros bolivianos realizavam a noite familiar na cama, o local mais aquecido da casa. Minha caminhada na chuva e lama para visitá-los valeu todo o sacrifício feito.



CORTESIA DE CULVER PICTURES

é aliviado, um coração alegrado, uma esperança renovada.

O primeiro rosto que me vem à mente é o de minha mãe. Lembro-me de ir com ela visitar os doentes, alimentar os famintos e consolar os cansados. Nunca puxou um carrinho-de-mão e nunca foi a primeira a entrar num vale, mas foi uma pioneira. Às vezes, íamos à casa de alguém que estava morrendo, e minha mãe alimentava e banhava a pessoa. Às vezes, íamos a uma vila indígena próxima para levar roupas e alimentos, ou ensinar cuidados médicos caseiros.

Lembro-me, também, de Barbara Taylor, que conheci em 1962, quando cheguei a Hong Kong como missionária. A irmã Taylor era esposa do presidente Robert Sherman Taylor, presidente da Missão do Sudeste Asiático. Um dia após minha chegada, ela me levou para uma visita de professora visitante. Juntamente com uma dupla de missionárias que falava cantonês, tomamos um ônibus para o porto e depois uma balsa até um lugar chamado Aberdeen.

Entre as casas que visitamos, havia algumas encravadas na encosta de um morro. Chegávamos a essas casas subindo degraus escavados a mão, abrindo caminho entre galinhas e crianças. Ao visitarmos uma irmã — uma linda e jovem mãe chinesa — vi

e senti coisas que nunca sentira antes. Ao observar as famílias de refugiados que moravam na encosta do morro, dei-me conta de que eram filhos de Deus, que mereciam toda a ajuda que lhes pudéssemos dar a fim de compreenderem a vida terrena com todos os desafios que enfrentavam. Por todo lado havia multidões de jovens que falavam uma língua que eu não compreendia, mas que se comunicavam comigo por meio de sorrisos e sentimentos, desejosos de aprender, crescer e ajudar.

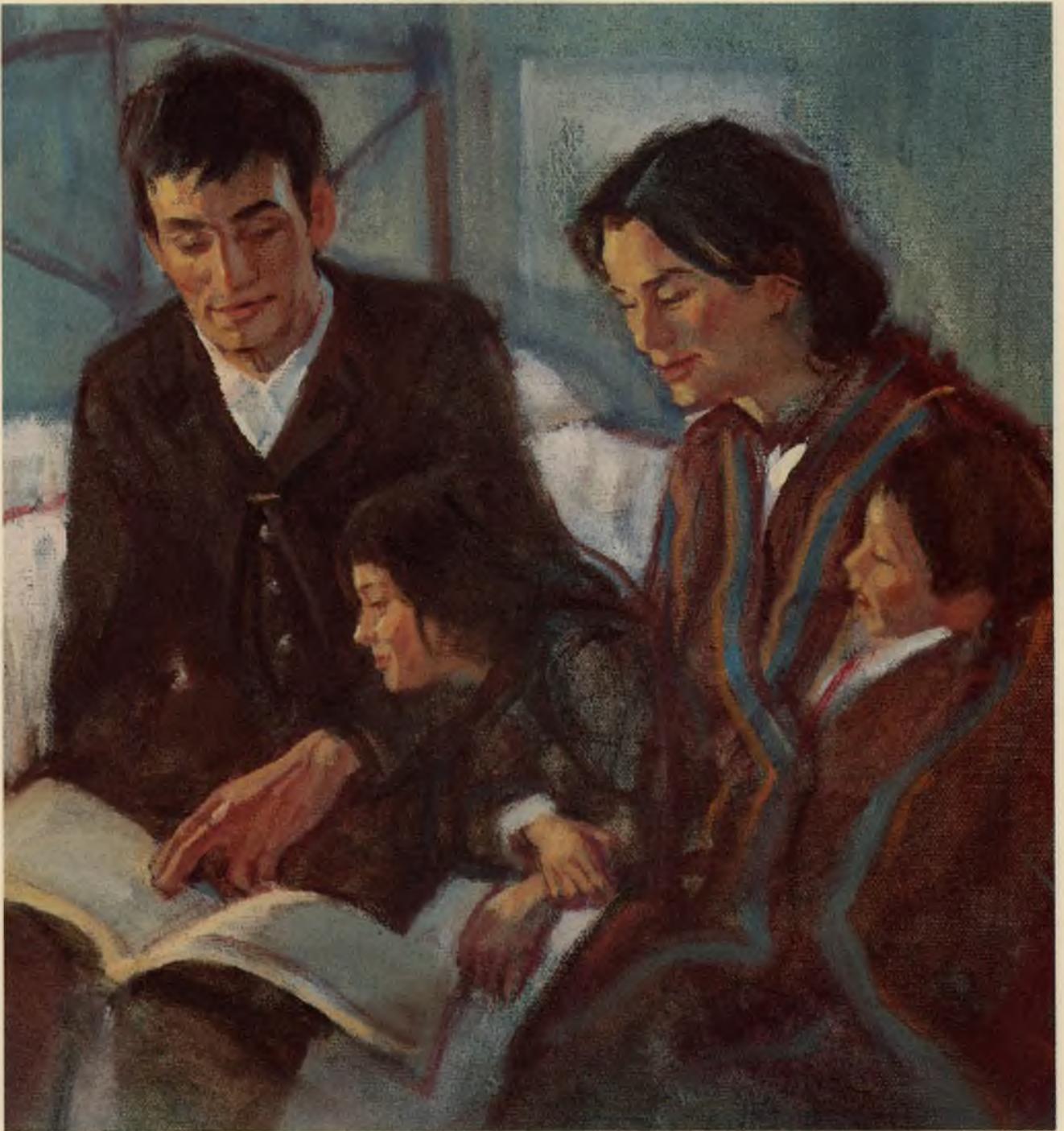
ABRINDO TRILHAS

Maxine Grimm é para mim um grande exemplo de pioneira honrada. Conheci-a em 1964, nas Filipinas, quando havia ali apenas um ramo da Igreja e menos de cem membros. Com o marido, Peter Grimm (nós o chamávamos de “Grimm-pa”), essa mulher extraordinária ajudou a hastear a bandeira da verdade naquela linda nação-ilha.

A irmã Grimm fora voluntária da Cruz Vermelha durante a Segunda Guerra Mundial e permanecera nas

Filipinas após o término da guerra, para ajudar os novos membros da Igreja. Lembro-me claramente de quando ela chegou à nossa pequena casa na estrada Kamias número 7-D, para ajudar-nos a dar início à primeira Sociedade de Socorro da Cidade de Quezon. Ela sempre levava exemplares da Revista da Sociedade de Socorro para emprestar às irmãs, além do seu órgão de fole portátil, para que pudéssemos cantar juntas os hinos todas nós, as seis irmãs do ramo.

Muitos belos semblantes daqueles primeiros santos dos últimos dias das Filipinas ficarão gravados em minha memória para sempre. Um dos muitos que poderia representar todos eles é o de Salud Dizon Jimenez, a primeira conversa a ser batizada na Cidade de Quezon. Ela tornou-se, mais tarde, presidente da Sociedade de Socorro, quando foi organizado um ramo naquela grande cidade próxima de Manila, capital das Filipinas. A irmã Jimenez e muitas como ela freqüentemente viajavam horas em jeepneys (jipes-lotação) e ônibus até a Avenida Taft, em Pasay, onde realizávamos as reuniões da Igreja. Outras seguiram os passos dessas grandes pioneiras, e hoje as Filipinas são abençoadas com cerca de 300.000 membros em quarenta e sete estacas. Um templo embeleza a cidade de Manila.



EDIFICANDO NOVOS ALICERCES

Vem-me à lembrança outra mulher pioneira que ajudou as famílias de um ramo de Monclova, México, a fazerem de seus lares centros de ensino. Eu a conheci num domingo, em setembro de 1975. Adelita alegremente me mostrou as coisas que fizera em sua própria casa

para motivar os filhos a estudar, depois me contou o que estava fazendo para ajudar as outras irmãs do ramo a ensinarem melhores hábitos de estudo aos filhos. Adelita era analfabeta, mas dava muito valor à educação. Humilde e graciosa, desejava apenas servir.

Penso nos santos da pequena vila de Bermejillo, México, para onde fui

com alguns missionários de saúde em 1975. Caminhando por uma estrada poeirenta com o presidente do ramo e a esposa, aprendemos a identificar as casas dos membros da Igreja. Suas cercas e casas estavam pintadas, e jardins floridos e hortas destacavam seus quintais limpos e arrumados. Ao passarmos por diversas casas, a esposa do presidente do ramo nos disse:



“Estas pessoas não estão ativas atualmente, por isso não se pode notar que são santos dos últimos dias. Em breve, porém, elas estarão de volta ao nosso meio, e na próxima visita podereis identificá-las também”. Mais tarde, os membros desse ramo construíram sua própria capela.

O belo rosto da irmã Pai, no altiplano boliviano, enche minha

mente de ternas lembranças. Visitei a irmã e sua família em janeiro de 1975. Eles eram membros da Igreja havia apenas três meses, mas tinham aprendido nesse tempo que o Presidente Spencer W. Kimball incentivava os membros da Igreja a fazerem uma horta. Fiquei emocionada ao ver suas duas pequenas hortas e um jardim com flores.

Todas as noites, eles cobriam as três plantações com folhas de plástico para protegerem seu tesouro da geada.

Nunca me esquecerei da noite familiar, realizada no lugar mais aquecido da casa: a cama. A respeito dessa experiência, escrevi em meu diário: “A chuva e o frio, a caminhada na lama, tudo valeu o

**Depois de cada reunião,
as irmãs indonésias deliberavam
em espírito de oração quem
precisava ser visitada. Assim,
levavam o arroz que haviam
separado durante a semana para
dividir com as que tinham
menos do que elas.**



CORTESIA DE CULVER PICTURES

esforço feito. Eu teria caminhado cem milhas para poder visitar essa família e ter o privilégio de sentir seu espírito e entusiasmo por serem membros da Igreja e aprenderem princípios que os ajudam a serem mais saudáveis e felizes". Abençoados e honrados pioneiros.

Penso na mulher que conheci na República Dominicana, logo após o Natal de 1983. Algumas missionárias estavam comigo na casa dela em São Francisco, quando ela nos contou sobre as mudanças dramáticas ao tornar-se membro da Igreja. Fiquei impressionada com sua coragem de abrir novos caminhos em relação a hábitos e tradições que precisavam ser mudados. Minha fé foi fortalecida ao ouvir essa grande pioneira falar de seus mais profundos sentimentos sobre Jesus Cristo e sua alegria ao descobrir o evangelho.

Chorei quando tivemos que partir. Estivéramos juntas por tão pouco tempo, mas senti-me como se já a conhecesse há muito. Enquanto eu e minhas companheiras descíamos a rua, voltei-me diversas vezes para acenar-lhe. Ela ainda estava lá quando viramos a esquina e perdemos de vista seu rosto alegre.

SEGUINDO AVANTE

Muitos semblantes pioneiros que tenho na lembrança são de amigas

da Nigéria, África Ocidental. Quando estive lá pela primeira vez, em janeiro de 1984, conheci Cecília e soube de seu pioneirismo criativo no que me parecia a tarefa avassaladora de viver o dia-a-dia. Disse-lhe: "Vai ser minha professora".

Ela respondeu: "Serei sua professora".

Disse-lhe que não sabia se poderia aprender rapidamente, em razão do muito que ela podia ensinar-me. Sorriu gentilmente e disse: "Vou ensinar devagar".

E foi isso que fez. Fui vizinha de Cecília por vários meses e serei eternamente grata pelas coisas que me ajudou a aprender. Sou uma pioneira melhor graças a essa grande alma e a outras em nossa vizinhança que me permitiram seguir-lhes os passos por algum tempo.

Uma das lições mais importantes que aprendi na África foi avaliar minhas prioridades e valores. Em uma de nossas aulas da Sociedade de Socorro, o manual recomendava que as crianças fossem ajudadas a manter as gavetas limpas e arrumadas. Uma

das irmãs perguntou: "O que é uma gaveta?".

Tantas irmãs SUD, pioneiras honradas, serão exaltadas sem jamais haverem visto uma gaveta, possuído um vestido novo, usado uma agenda, ou se olhado no espelho. Elas se rejubilarão no reino celestial sem nunca terem caminhado pela Praça do Templo ou visitado a sede geral da Sociedade de Socorro em Lago Salgado.

Ainda acho divertido lembrar que minha companheira, Ann, e eu fomos enviadas para ensinar Cecília e outras irmãs a respeito da auto-suficiência. Embora espere ter ensinado alguma coisa sobre saúde e higiene que tenha feito diferença para elas, sei que fui eu quem aprendeu as maiores lições. A maioria dessas lições refere-se à auto-suficiência. Estou convencida de que Cecília e suas irmãs sabem como lidar com qualquer emergência. Prosseguindo sempre, elas são verdadeiramente pioneiras abençoadas e honradas.

Conheci Sally Piobello nas Filipinas, em 1972, quando fui enviada para lá como missionária de saúde. Fiquei sabendo que ela e o marido haviam perdido o primeiro bebê com cinco meses de idade. Sally tinha outros filhos, estava grávida na época e perguntou-me: "O que devo fazer para ter um bebê mórmon saudável?". Pensei em sua coragem e

fé ao aceitar a verdade e adotar novos hábitos e tradições. Em pouco tempo, as pessoas da vizinhança espalharam a notícia: “O bebê mórmon está chegando!”.

No dia 20 de janeiro de 1973, Sarah Piobello nasceu, um saudável e lindo “bebê mórmon”. O espírito pioneiro da mãe capacitou-a a fazer coisas que nunca fizera antes, acrescentando mais verdades ao que já conhecia. Sally costumava sorrir para mim e dizer: “Irmã, não se pode ensinar truques novos a um cachorro velho”. Então fazia uma pausa e dizia: “Mas irmã, eu não sou cachorro!”.

Em 1984, recebi uma carta de sua filha de onze anos, Sarah, a quem a família e os amigos chamam de “melãozinho”: “Desculpe-me por não ter escrito há tanto tempo, mas toda vez que vou começar a escrever uma carta, meus amigos insistem em que eu vá brincar com eles. Decidi que lhe escreveria esta carta sem falta. Estamos felizes porque minha mãe está fazendo o que o programa de preparo familiar dos missionários de bem-estar as ensinou. Agora purificamos a água e temos uma dieta equilibrada. É por isso que crescemos mais que as outras crianças. O templo está sendo construído e espero encontrar-me com você lá. Amo você. Melãozinho”.

Recebi também uma carta de sua

mãe, minha grande amiga Sally: “Quero expressar gratidão por tudo que aprendi e que faz tanta diferença em minha família. Percebo agora que algumas coisas que minha mãe me ensinou — coisas que a mãe dela lhe havia ensinado — não eram corretas. As verdades que agora aprendo, porém, serão ensinadas a meus filhos, aos filhos deles e às gerações futuras. Não seremos mais amaldiçoados pela ignorância. ‘Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará!’. Como costumam dizer, nunca é tarde para aprender e mudar. Deus deve amar-nos muito para permitir que recebamos tantas verdades”.

SERVIR É O SEU LEMA

Quando cheguei à Indonésia pela primeira vez, em 1976, conheci um grupo de pioneiras, em Java, que me ajudaram a compreender muito, muito mais mesmo, a respeito do significado de palavras como *socorro*, *compaixão*, e *serviço*. Essas irmãs da Sociedade de Socorro, lideradas pela presidente Ibu Subowo, eram almas gigantes em corpos pequenos. Todas as manhãs, antes de começar a cozinhar, cada uma das irmãs separava uma colher de arroz. Guardavam o arroz em sacos plásticos que eram levados para a Sociedade de Socorro toda

semana. Depois da reunião, deliberavam em espírito de oração quem precisava ser visitada. Todas juntas iam então visitar as pessoas necessitadas, levando os sacos de arroz para dividir com as que tinham menos que elas.

Consagração. O armazém do Senhor. Uma sociedade de santos interdependentes. Aprendi muito a respeito de sacrifício, e pergunto a mim mesma qual seria meu equivalente à colher de arroz.

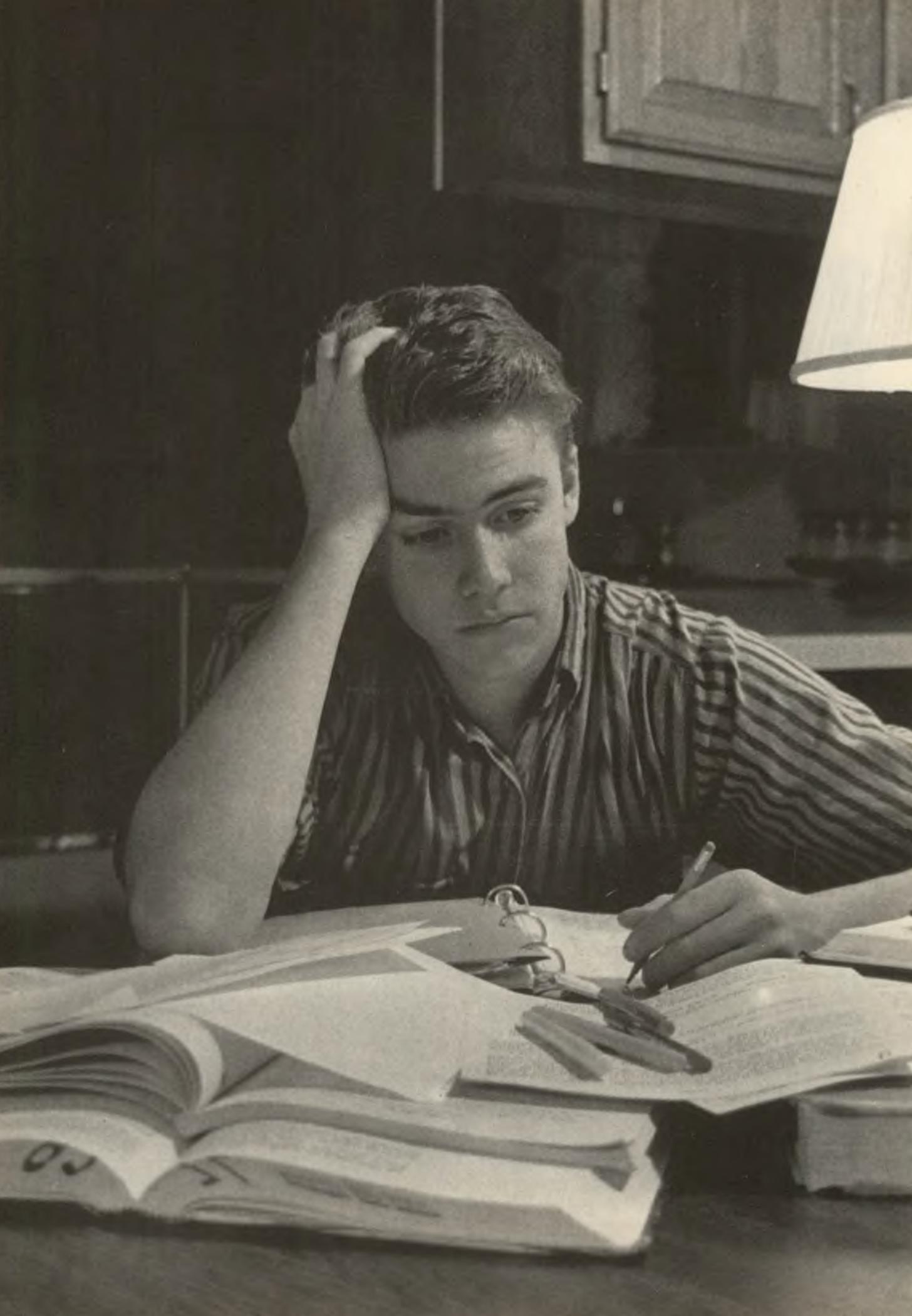
Pensei muito a respeito do comentário de Enos no final de seu relato no Livro de Mórmon. Ele tinha certeza de que um dia se encontraria com o Senhor e “[veria] sua face com prazer” (Enos 1:27). Existem muitas faces nesta terra que espero um dia ver novamente com prazer. Entre elas estão as faces das mulheres que me ensinaram tanto a respeito do pioneirismo, tendo o serviço por lema e o amor por estrela-guia.

Todos somos pioneiros. Através dos anos, através das distâncias, abrimos caminho atravessando nossas próprias fronteiras desconhecidas. Em circunstâncias variadas, cruzamos nossas planícies, cantamos nossos hinos, enterramos nossos mortos, enfrentamos sofrimentos pessoais, carregamos os fardos uns dos outros, visitamos, consolamos, e demonstramos compaixão. Abençoados, honrados pioneiros! □

ANTES QUE TUDO MAIS DÊ ERRADO, LEIA AS INSTRUÇÕES



(VIDE MOSIAH 1:6-7.)



COMO POSSO VENCER A PROCRASTINAÇÃO?

“A procrastinação é um grande problema para mim. Deixo tarefas por terminar, metas por alcançar e promessas por cumprir, apenas porque não começo as coisas a tempo. Não é minha intenção desapontar as pessoas, mas parece que simplesmente não consigo dar início às coisas. O que posso fazer?”

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, não como pronunciamento oficial da Igreja.

NOSSA RESPOSTA:

A procrastinação é um hábito que pode ser quebrado. Primeiro, tome a decisão de mudar. Depois, leve o problema ao Pai Celestial. Se orar sinceramente, ele lhe dará a orientação e o apoio necessários para fazer a mudança. Então, trabalhe naquilo que precisa executar.

Aqui estão algumas sugestões que podem ser úteis:

- Prepare, diariamente, uma lista do que deve fazer e depois vá riscando cada coisa que terminar. Não se esqueça de anotar as tarefas quando elas surgirem. Ter à mão um pequeno calendário pode ser útil.

- Comece com a tarefa mais difícil, ou com aquela que mais lhe desagrada. Em comparação, o restante do trabalho parecerá fácil.

- Divida os projetos grandes e assustadores em partes. Depois, execute cada um passo a passo.

- Recompense a si mesmo quando terminar um projeto. Depois de completar um projeto especialmente difícil, relaxe por algum tempo.

- Transforme o término de tarefas difíceis ou desagradáveis num jogo. Diga a si mesmo: “Vou trabalhar o máximo possível durante vinte minutos”. Quando nos concentramos em terminar alguma coisa rapidamente, conseguimos um resultado melhor.

- Afaste as distrações do local de trabalho. Mantenha alimentos, televisão, revistas, telefone e outras tentações fora do caminho.

- Não adie um projeto por medo de não o executar com perfeição. É melhor cumprir prazos, esforçando-se o mais possível mesmo que os resultados não sejam perfeitos.

- Estabeleça metas realistas e lembre-se de ser flexível.

- Não aceite mais projetos e designações do que pode dar conta. Se concordar em fazer algo, esforce-se ao máximo para terminá-lo. Não diga “sim” se não tem intenção de concluir a tarefa.

- Determine prioridades e estabeleça um ritmo de trabalho.

- Decida mudar o hábito da procrastinação. O Apóstolo Paulo aconselhou: “E, tudo quanto

fizerdes, fazei-o de todo o coração” (Colossenses 3:23). Realize com entusiasmo as muitas tarefas com que se defrontar e execute-as de boa vontade. Não é necessário planejar todos os minutos do dia. Permita-se um tempo livre e algum divertimento também.

A RESPOSTA DOS LEITORES

Quando receber um chamado ou designação, comece imediatamente a cumprir suas responsabilidades. Planejando cuidadosamente o que precisa ser feito e sendo constante na execução das tarefas, terá sucesso.

Não há nada melhor do que a sensação de terminar uma tarefa corretamente. Sua consciência ficará leve e tranqüila, e irá sentir-se verdadeiramente abençoado. Isso o ajudará a cumprir todos os desafios — físicos ou espirituais.

*Marlene Alves de Almeida, 31
Ala Cordeiro, Estaca Sudeste
Recife, Brasil*

Às vezes, é difícil conseguir motivação para executar as designações recebidas. Quando falho, sempre digo a mim mesma que, da próxima vez, começarei a trabalhar tão logo receba a designação. Invariavelmente, cometo os mesmos erros repetidas vezes. Sei, porém, que o Pai Celestial não nos pode

ajudar, até que nos esforcemos para começar.

Se inicio uma tarefa, não importa quão pouco eu faça, ou quão pouco inspirada esteja, sei que o Pai Celestial me ajudará. Planejo as etapas necessárias para cumprir a designação e estabeleço um prazo para terminar cada uma delas, tentando não me atrasar dentro do meu esquema. Ao envolver-me com a tarefa, o Senhor me inspira. Quanto maior o meu desejo de cumprir a designação, melhor me sinto com relação a meus esforços.

Lembre-se de que, quando procrastinamos, estamos apenas sendo egoístas. "Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje".



Masami Ohta, 19
Ramo Nonami,
Estaca Nagoya
Nagoya, Japão

A ociosidade é uma séria fraqueza, que pode impedir o progresso. Às vezes eu procrastino, porque prefiro assistir à televisão, ou não fazer nada, em vez de trabalhar. O Pai Celestial nos ama e dá-nos mais oportunidades de melhorar e mudar os maus hábitos.

Quando oro para obter orientação

do Espírito Santo, planejo melhor o tempo e controlo o que eu mesma posso realizar. Tento planejar com um propósito e tenho notado que, quando sou mais organizada, consigo fazer tudo que preciso, e faço tudo em menos tempo.



Rosa Beatriz Pérez
Baudino, 19
Ala Los Laureles,
Estaca Ciudad Ojeda
Cabimas, Venezuela

Todos os dias escrevo o que preciso fazer e enumero os itens em ordem de importância. Durante o dia, riscio aqueles que já completei e, embora nunca termine a lista, sinto-me realizada porque tudo o que comecei foi terminado.

Sandra Berger
Ramo Bielefeld, Estaca Hannover
Hannover, Alemanha

Tive um sério problema com a procrastinação. Um dia, fui sozinha a um lugar sossegado e refleti sobre como me sentia a respeito de mim mesma, e como Deus se sentia a meu respeito. Pensei em todas as coisas que não tinha feito e fiquei completamente desanimada.

Ajoelhei-me e orei, pedindo ao Pai Celestial que me perdoasse e desse

forças para agir melhor. Pouco a pouco, fui sentindo uma mudança positiva na vida. Comecei a reservar tempo para meditar em minhas responsabilidades. Esse momento ajuda-me a manter-me concentrada naquilo que é importante na vida e a não me preocupar com outras coisas. Desenvolvi fé em mim mesma quando descobri que era filha de Deus e que ele se preocupava comigo.



Maria Veronica V.
Basilio, 16
Ala Tagig,
Estaca Pasig
Manila, Filipinas

Tinha problema com procrastinação antes de conhecer a Igreja. Não terminava nada, porque queria fazer vinte coisas ao mesmo tempo e estabelecia metas que não podia alcançar. Pouco a pouco, fui tentando realizar menor número de tarefas e realizá-las bem. Agora, consigo terminar tudo o que começo e percebo melhoras, pois aprendi a preparar-me mais adequadamente.

Carmen Cantos
Ala Jaén, Distrito Málaga Espanha
Jaén, Espanha

Há um ditado que diz: "A preguiça é o ladrão da vida eterna". Às vezes,

fico com preguiça, mas lembro-me de que sou filho de Deus e que ele está sempre comigo, e assim posso buscar a perfeição. Sou parte do seu plano eterno. Isso me motiva a ser melhor.



*O Un-ju, 18
Ala Son Hwa,
Estaca Chong-ju
Taejon, Korea*

Não sabemos quando será nosso último dia na terra, de modo que precisamos preparar-nos agora, vivendo como o Senhor gostaria. Quando procrastinamos, não sentimos a influência do Senhor na vida, tão fortemente quanto poderíamos.

*Paula Folau Alovili
Ackland, Nova Zelândia*

Costumava sentir-me muito mal por não terminar as designações da escola, do trabalho e da Igreja. Um dia, estava avaliando quanto eu procrastinava e por quê, e percebi que estava pondo itens de menor importância à frente daqueles que eu deveria estar fazendo. Considerava-me culpada por não fazer o melhor que podia, e essa era a razão pela qual eu me sentia infeliz e deprimida.

Ao meditar sobre minha incapacidade, tentei imaginar-me

como a filha de Deus que eu deveria tornar-me. Imaginei todas as coisas que poderia fazer e senti amor e paz no coração. Percebi a importância de ser filha de Deus e descobri que não tinha confiança em mim mesma nem a determinação de atingir minhas metas. Eu sabia que o Pai Celestial me ama e quer que eu aja melhor. Comecei a mudar e, agora, sei que não há nada que eu não possa fazer, se me esforçar.

Precisamos confiar em nós mesmos, em nosso potencial e talentos, valorizando-nos como o Pai Celestial nos valoriza. Se pudermos vislumbrar nosso potencial eterno, seremos motivados, por essa visão, a realizar grandes coisas na vida.



*Rita David, 19
Ala Aguanambi,
Estaca Fortaleza
Fortaleza, Brazil*

Sou grato aos líderes da Igreja que nos incentivam a escrever diários. Todas as noites, escrevo o que fiz durante o dia. Isso me ajuda a manter um registro de minhas responsabilidades e ponderar o que posso fazer melhor. Antes de ir para cama, peço ao Pai Celestial que me ajude a estabelecer metas e cumprir-

las. Quando escrevo as metas, concentro-me mais nelas e esforço-me mais para alcançá-las.



*Elder Jorg Fischer, 23
Ramo Nürnberg,
Estaca Nürnberg
Missão Munich
Alemanha*

Torne a seção de PERGUNTAS E RESPOSTAS mais útil, respondendo às perguntas abaixo. Envie as respostas antes de 1º de maio de 1993 a PERGUNTAS E RESPOSTAS, International Magazines, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah, 84150, U.S.A. Inclua nome, idade, ala ou ramo, estaca ou distrito, cidade e país. Se possível, envie também uma fotografia. Ela não será devolvida. As respostas podem ser manuscritas ou datilografadas em sua própria língua, pois serão traduzidas. Se sua resposta for pessoal ou muito reservada, peça que seu nome não seja publicado. As respostas não serão necessariamente todas utilizadas.

PERGUNTA: Tenho orado a respeito de um problema e não estou certa de ter recebido resposta. Como posso discernir os sussurros do Espírito de meus próprios pensamentos, esperanças e temores?

O PRIMEIRO JEJUM DE MANOLI

Carol Ann Baughman Rivero

Há muitos anos, em nossa pequena cidade, na Espanha, fazemos reuniões da Sociedade de Socorro em casa, uma vez por semana. Como a maioria das mulheres que as frequentam são de outras religiões, evitamos, a princípio, ensinar as lições de doutrina dos manuais da Sociedade de Socorro. Gradualmente, porém, fomos incluindo as lições de Viver Espiritual.

Uma manhã, procurei ferverosamente um assunto que tocasse as mulheres. “O que as mulheres devem ouvir esta semana, Pai?”, perguntei em oração.

Em seguida, encontrei uma lição sobre oração e jejum. Senti que deveria dar essa aula, mas ainda imaginava como a idéia do jejum seria aceita por não-membros da Igreja. Decidi seguir a inspiração, pois, há muito tempo aprendi a não questionar os sussurros do Espírito.

A aula foi boa, tendo sido esclarecidas muitas dúvidas e idéias errôneas. As mulheres começaram a entender que o jejum, acompanhado da oração, é uma poderosa ferramenta que qualquer pessoa pode utilizar. Quando eu estava saindo, uma mulher que raramente comparecia às reuniões, perguntou-me: “Posso jejuar também?”.

“Claro que sim, Manoli”, repliquei. “Qualquer pessoa pode jejuar. O Pai Celestial não faz distinção de pessoas e responderá a todos os seus filhos.”

Manoli estava visivelmente aflita: “Sabe, faz dois anos que minha mãe está num hospital para doentes mentais. Ela

piorou recentemente e não me reconhece nem a minha irmã. Sentimo-nos impotentes quando vamos visitá-la. Dói-me tanto vê-la nesse estado”.

Disse a Manoli que começaria um jejum com ela. Iniciamos com uma oração. Ao nos levantarmos, depois de orar de joelhos, expliquei-lhe que o Pai Celestial sempre responde a orações e jejuns, mas quando e como achar melhor.

No dia seguinte, a irmã de Manoli contou-lhe que os funcionários do hospital haviam parado de administrar à mãe os sedativos de rotina porque ela tivera uma sensível melhora. Estava livre da agonia que vinha sentindo antes e repousava tranqüilamente. Ela morreu no dia seguinte, mas Manoli sentia-se confortada pela certeza de que a mãe ainda gozava paz e estava livre da dor.

Aprendi muito com esta experiência. Sei que o Pai Celestial estava pensando em Manoli quando me inspirou a dar a lição que preparou duas irmãs para a morte da mãe. □



CUIDAR DAS IRMÃS COM FÉ E DESVELO

Todas as coisas viventes precisam de cuidado adequado para crescerem. Sem luz, alimento e água, uma plantinha nunca poderá tornar-se uma árvore frutífera.

O cuidado adequado também é essencial para o crescimento da alma humana. Cuidar é *nutrir*, alimentar, ou sustentar. Nutrimos as pessoas fisicamente quando dividimos com elas nosso alimento e bens, e emocional e espiritualmente quando as fortalecemos e encorajamos.

O Salvador passou horas cultivando amizade com Maria, Marta e Lázaro. Guiou Pedro, o impetuoso pescador, aconselhou o mancebo rico e edificou e encorajou os fracos. Abençoou ternamente as crianças.

As mulheres parecem ter um desejo natural de cuidar do próximo. Isso pode ser feito com palavras, exemplos e gestos amáveis. Duas maneiras específicas de fazê-lo são pequenos gestos que demonstrem atenção e o exercício de nossa fé em favor dos necessitados.

PODEMOS MOSTRAR INTERESSE, NÃO CRITICAR

Quando vemos pessoas em dificuldade, podemos pensar que estamos ajudando quando as criticamos, ou quando lhes mostramos como devem melhorar. O Senhor, porém, não nos mandou “capinar o jardim” (ou seja, remover as faltas) da vida alheia.



ILUSTRADO POR LORIE ANDERSON WING

Em vez de julgar ou criticar aqueles que podem estar em dificuldades, podemos ouvir sem dar conselhos, ajudando-os a encontrarem as próprias respostas. Podemos fazer pequenas coisas que mostrem nosso interesse: um sorriso encorajador, uma palavra de apreço, ou disposição para relatar uma experiência.

Uma jovem universitária encontrava-se quase que soterrada por dificuldades pessoais e familiares. “Foi um período de tristeza e solidão”, lembra. “Então, Lila, uma jovem que servia comigo num chamado da ala, começou a visitar-me em meu apartamento. A visita repetiu-se por muitas e muitas vezes, exatamente nos momentos em que me sentia à beira do desespero. A amizade que demonstrou ajudou-me a prosseguir, não somente porque me trouxe ânimo, mas porque me mostrou que o Pai Celestial sabia de minha necessidade”.

• Quando foi que a preocupação de

alguém a ajudou num período difícil?

• O que essa pessoa fez, especificamente, para ajudá-la?

• Recordar-se de alguém que precise desse tipo de ajuda de sua parte, agora?

PODEMOS EXERCER FÉ EM FAVOR DO PRÓXIMO

Outra maneira de zelar pelas pessoas é exercer fé e orar por elas. Alma jejuou e orou pelo filho rebelde, e sua fé produziu bons frutos na nutrição espiritual de Alma, o Filho. (Vide Mosiah 27:8–14, 20.)

Um casal da Califórnia, com filhos de idades entre dezoito e trinta anos, descobriu que os filhos eram abençoados quando eles, os pais, jejuavam, oravam e freqüentavam o templo especificamente em favor dos filhos:

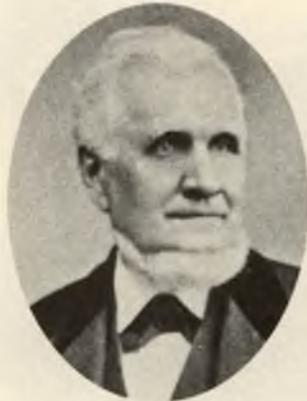
“Um filho que deveria ter cumprido missão de tempo integral, e que sofria por falta de testemunho, foi o motivo de muitas das nossas visitas especiais ao templo”, disse a mãe. “Depois de cada visita (ao templo), surgia uma centelha de mudança em sua vida, e logo o fogo do testemunho queimou com calor suficiente para que ele cumprisse missão” (*Ensign*, março de 1992, página 71).

• Lembra-se de quando seus esforços para ajudar alguém levaram conforto a um amigo ou membro da família? Qual foi sua experiência?

• Quem, na sua vida, talvez precise agora de sua fé e orações? □

JOHN TAYLOR

O C O R A J O S O



Leon R. Hartshorn

Pouco antes de o Profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum serem assassinados na cadeia de Carthage, o Élder John Taylor, seu companheiro de prisão, cantou “Um Pobre e Aflito Viajor” para os confortar. Em minutos, Joseph e Hyrum foram mortos. Uma bala projétil atingiu o relógio de bolso do Élder John Taylor, cuja vida foi miraculosamente preservada.

Este incidente dramático talvez seja o momento mais conhecido da vida de John Taylor, que mais tarde se tornou o terceiro Presidente da Igreja. No entanto, talvez poucas pessoas tenham uma idéia clara do homem em si, com sua marca pessoal de ousadia e fé sincera, ou do seu enorme sucesso como jornalista e missionário da Igreja.

Talvez o caráter do Presidente Taylor seja melhor descrito por dois carinhosos apelidos que lhe foram dados quando jovem: “Defensor da Fé” e “Campeão da Liberdade”.

De que é feito um homem que enfrenta um grande grupo de pessoas hostis e abertamente as convida a baterem nele e, no entanto, entende de tal forma os

sentimentos das pessoas que poderia resolver uma discussão sem *dizer* uma única palavra?

John Taylor começou a desenvolver essas características cedo na juventude, em suas atitudes com relação ao Senhor e ao evangelho. Nascido em Milnthorpe, na Inglaterra, em 1^o de novembro de 1808, John Taylor foi um sério pesquisador da verdade, desde a meninice. “Naquele período da minha juventude”, disse ele mais tarde, “aprendi a aproximar-me de Deus. Muitas vezes ia para o campo e, escondendo-me atrás de um arbusto, inclinava-me perante o Senhor e clamava-lhe que me guiasse e dirigisse. E ele ouviu minhas orações. Às vezes eu levava outros meninos comigo. Será bom para vós . . . clamar ao Senhor em vossos lugares secretos, como eu fiz”. (Em *Journal of Discourses*, 5:314–15.)

Aos dezesseis anos, John Taylor tornou-se membro da Igreja Metodista e, aos dezessete, foi indicado como pastor leigo. Mais tarde, teve “uma forte impressão de que eu tinha que ir para a América pregar o evangelho”. (Como citado em B. H. Roberts, *The Life of John Taylor*, Salt Lake City, Utah: Bookcraft, 1963, página 28.) John



March



Descrito por Brigham Young como “um dos editores mais fortes que já existiu”, John Taylor editou e foi o autor de muitos jornais, revistas, livretos e folhetos. Também escreveu alguns livros importantes de doutrina, nos primeiros anos da Igreja.

Taylor emigrou para o Canadá em 1832, aos vinte e três anos. Em Toronto, conheceu e casou-se com Leonora Cannon, que também era da Grã-Bretanha. Continuou a pregar para a Igreja Metodista, mas, insatisfeito com aquela religião, os Taylors e alguns amigos organizaram um grupo de estudo religioso e oraram pela restauração do Cristianismo do Novo Testamento. Enquanto isso, John trabalhava no que aprendera na Inglaterra: marcenaria e tornearia de madeira.

Os Taylors souberam do evangelho restaurado em circunstâncias incomuns. Em 1836, Parley P. Pratt foi enviado a Toronto, por revelação, para pregar o evangelho. Concernente à missão do Élder Pratt no Canadá, Élder Heber C. Kimball profetizou: “Como resultado desta missão, a plenitude do evangelho se espalhará pela Inglaterra”. (Vide Roberts, página 35.) O Élder Pratt recebeu de um estranho uma carta de apresentação para um John Taylor em Toronto. Quando, porém, visitou a casa dos Taylor, teve uma recepção educada, mas não exatamente cordial. Mais tarde, depois de apresentar sua mensagem aos ministros religiosos da cidade, Élder Pratt preparou-se para partir. Maleta na mão, despedia-se de John Taylor quando um vizinho — membro do grupo de estudo religioso dos Taylors — entrou, ofereceu sua casa para que o Élder Pratt pregasse, propondo hospedá-lo e alimentá-lo. Conseqüentemente, John e Leonora Taylor ouviram a pregação de Élder Pratt. Esta foi a resposta de John ao grupo de amigos:

“Aqui estamos, ostensivamente em busca da verdade. Já pesquisamos por completo outros credos e doutrinas, e comprovamos que são falsos. Por que deveríamos temer fazer o mesmo com o mormonismo? Este cavalheiro, Sr. Pratt, apresentou-nos muitas doutrinas que correspondem aos nossos pontos de vista . . . Já oramos a Deus, pedindo-lhe que nos envie um mensageiro que nos diga se sua verdadeira igreja está na terra. Eu desejo pesquisar suas doutrinas e pretensões à autoridade e ficaria muito

contente se alguns de meus amigos se unissem a mim nesta pesquisa. No entanto, se nenhum o fizer, podeis estar certos de que pesquisarei sozinho. Se descobrir que sua religião é verdadeira, aceitá-la-ei, sejam quais forem as conseqüências; caso contrário, irei desmascará-la.” (Vide Roberts, páginas 38–39.)

Por três semanas, John Taylor acompanhou Élder Pratt a todos os lugares, copiando os sermões que ele proferia. Depois, em particular, comparava-os com as escrituras. Satisfeitos ao verificar que o missionário estava ensinando a verdade, John e Leonora Taylor se uniram à Igreja. John foi ordenado élder aos vinte e oito anos de idade e, quando os missionários voltaram para casa, foi encarregado da Igreja no Canadá.

O irmão Taylor converteu muitos amigos e vizinhos em Toronto. Um ano depois do batismo, os Taylors mudaram-se para Far West, em Missouri. No ano seguinte, em 19 de dezembro de 1838, John Taylor foi ordenado Apóstolo, pouco depois do seu trigésimo aniversário.

Quatro anos mais tarde, Élder Taylor foi nomeado editor do *Times and Seasons*, o jornal da Igreja em Nauvoo, Illinois. Nos anos seguintes, ele editou e foi autor de muitos jornais, revistas, livretos e folhetos. O Presidente Brigham Young disse sobre o Élder Taylor: “Ele tem um dos intelectos mais privilegiados que se poderia encontrar num homem; é poderoso, cheio de vigor, e podemos dizer também que é um poderoso editor, mas usarei um termo que me agrada, dizendo que ele é um dos editores mais fortes que já conhecemos”. (Em *Journal of Discourses*, 4:34.) Em 1882, enquanto era Presidente da Igreja, escreveu um livro intitulado *A Mediação e Expição de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*, no qual explica as escrituras e presta forte testemunho do papel de Jesus Cristo como Salvador e Redentor.

O Élder Taylor também obteve considerável fama como orador eloqüente, que impressionava os ouvintes mais com lógica do que com mera emoção. Em cumprimento à profecia, ele auxiliou os companheiros apóstolos a levarem o evangelho à sua terra natal. Nas Ilhas Britânicas, iniciou a obra em Liverpool, na Ilha do Homem e na Irlanda. Mais tarde, presidiu a obra missionária na França e na Alemanha, onde



Defrontando-se com a possibilidade de ser coberto de piche e penas, John Taylor desafiou os adversários, rasgando a roupa e declarando: “Cavalheiros, vinde com vosso piche e vossas penas, a vítima está pronta!”.

supervisionou a tradução e publicação do Livro de Mórmon em francês e alemão; começou também a publicação de duas revistas internacionais da Igreja: L'Étoile (“A Estrela”) em francês, e Zion's Panier (“O Estandarte de Sião”) em alemão.

O Élder Taylor também exerceu importante papel, ajudando os santos a se estabelecerem em Nauvoo e, mais tarde, no Oeste. Após o martírio de Joseph e Hyrum Smith, John Taylor ajudou o Élder Pratt a conduzir um grupo de 1.500 santos ao Vale do Lago Salgado, no outono de 1847. Lá, serviu como juiz, legislador, e superintendente de escolas por muitos anos. Por ocasião da morte do Presidente Brigham Young em 1877, John Taylor, com sessenta e nove anos, assumiu a liderança da Igreja até 1887, quando morreu.

Como era o homem John Taylor? O seguinte incidente dará uma idéia: Como jovem Apóstolo, Élder Taylor foi falar a alguns membros da Igreja perto de Columbus, em Ohio. Pouco antes de sua chegada, alguns santos contaram-lhe que a maioria do povo da cidade planejava reunir-se no local ao ar livre onde ele falaria. Previam que ele seria coberto de piche e penas e aconselharam-no a não ir. Após um momento de reflexão, replicou que *iria*, e se os amigos não quisessem acompanhá-lo, iria sozinho.

Quando chegou, começou informando aqueles que lá se encontravam de que chegara recentemente do Canadá, uma terra sob regime monárquico: “Cavalheiros, agora estou diante de homens cujos pais lutaram para obter uma das mais grandiosas bênçãos conferidas à família humana — o direito de pensar, falar e escrever; o direito de dizer quem irá governá-los, e o direito de adorar a Deus de acordo com os ditames de sua consciência . . . Vejo ao meu redor os filhos daqueles nobres pais que, ao invés de se inclinarem ao comando de um tirano, deram a vida, fortunas e honra sagrada para romper esses grilhões . . .

Incidentalmente, contudo, fui informado do vosso

propósito de cobrir-me de piche e penas por causa de minhas opiniões religiosas. É essa a dádiva que herdastes de vossos pais? É essa a bênção que obtivestes pelo derramamento do sangue de vossos bem-amados? É essa vossa liberdade? Se assim for, tendes agora uma vítima, e teremos uma oferta à deusa da liberdade”.

Naquele momento, rasgou as roupas e disse: “Cavalheiros, vinde com vosso piche e vossas penas, a vítima está pronta; e vós, espíritos dos veneráveis patriotas, contemplai os feitos de vossos filhos degenerados! Vamos, cavalheiros! Vamos, digo que estou pronto!”.

Ninguém se moveu nem falou. Élder Taylor permaneceu ali, ereto em completa majestade, nos seus 1,80 m de altura, calmo, mas desafiador. Ninguém se aproximou.

Depois de uma pausa, ele falou durante mais três horas! Ao término do discurso, líderes da comunidade se aproximaram dele, expressando desagrado pelas intenções hostis de alguns cidadãos. (Vide Roberts, páginas 53–55.)

A fé corajosa de John Taylor foi também demonstrada quando cumpriu uma de suas missões na Inglaterra. Depois de uma difícil jornada de Far West, Missouri, Élder Taylor chegou a Nova York com apenas um centavo no bolso. Não era, porém, do tipo que se julgasse pobre e, quando lhe perguntaram se tinha algum dinheiro, disse que sim. No dia seguinte, Élder Pratt aproximou-se dele:

“Irmão Taylor, ouvi dizer que o senhor tem bastante dinheiro.”

“Sim, irmão Pratt, é verdade.”

“Bem”, disse o Élder Pratt, “estou para publicar um livro: *Voice of Warning e Millennial Poems*; preciso muito de dinheiro, e, se pudesse fornecer-me duzentos ou trezentos dólares, ficaria muito grato.”

“Bem, irmão Parley, pode dispor de tudo o que tenho, se lhe for de proveito.” A essa altura, ele pôs a mão no bolso e deu ao Élder Pratt o centavo.

Os dois riram animadamente, e depois o Élder Pratt disse: “Eu pensei que tivesse dito que possuía muito dinheiro”.

“E possui”, replicou o Élder Taylor. “Estou bem vestido, o senhor me dá bastante alimento, bebida e bom alojamento; tudo isso e mais um centavo de sobra, já que

não devo nada, não é muito?”

Naquela noite, numa reunião de alguns líderes da Igreja que se preparavam para ir à Inglaterra, Élder Pratt propôs que ajudassem o Élder Taylor com dinheiro para pagar a passagem. Élder Taylor objetou, dizendo que, se tivessem algo, deviam dá-lo ao Élder Pratt, pois ele tinha uma família para sustentar e necessitava de dinheiro para a publicação de seu livro. Wilford Woodruff, um grande homem de fé, demonstrou pesar pela posição do Élder Taylor.

“Não haverá dificuldade a esse respeito”, replicou o Élder Taylor. “Arranje uma passagem para mim no vosso navio e eu providenciarei o dinheiro.”

Então, das várias pessoas que foram influenciadas pelo Espírito do Senhor, Élder Taylor recebeu doações suficientes para pagar, não só sua passagem, mas também a de um outro élder. (Vide Roberts, páginas 72–74.)

Grande coragem e ousadia — nos seus feitos, no que escrevia e dizia!

John Taylor tinha grande compreensão e amor às pessoas. Certa vez, enquanto era Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos, dois irmãos idosos e fiéis se aproximaram dele para falar sobre uma disputa amarga. Eles tinham resolvido que aceitariam qualquer decisão do Presidente Taylor. Então, eles o visitaram e perguntaram se poderia ouvir sua história.

Disse ele: “Irmãos, antes de ouvir-vos, gostaria muito de cantar-vos um dos hinos de Sião”. O Presidente Taylor, cantor talentoso e comovente, cantou um hino para os dois. Ao terminar, disse que sempre que ouvia um dos hinos de Sião, sentia desejo de ouvir mais outro. Assim, os dois irmãos consentiram em ouvir um segundo hino. Depois deste, o Presidente Taylor fez um comentário espirituoso de que ouvira dizer que número ímpar dava sorte; então, concordaram que ele cantasse um terceiro. Posteriormente, disse com um sorriso: “Agora, irmãos, não quero ser cansativo, mas se ouvirdes mais um hino, prometo parar de cantar e ouvir vosso caso”. Quando terminou o quarto hino, os dois irmãos estavam em lágrimas; levantaram-se, apertaram as mãos e pediram desculpas ao Presidente Taylor por terem tomado seu tempo. Saíram sem lhe dizer sobre o que se desentenderam. O canto os havia reconciliado. (Vide *Improvement Era*, setembro de 1940, página 522.)

Quando dois irmãos fiéis se aproximaram do Presidente John Taylor para resolver uma disputa amarga, fez com que se reconcilhassem pelo Espírito, cantando-lhes hinos de Sião.

Em outra ocasião, surgiu uma dificuldade entre os membros de um ramo. “Quando nos reunimos”, recordou mais tarde o Presidente Taylor, “inicieei a reunião com uma oração e, depois, chamei vários irmãos presentes para orar; eles o fizeram, e o Espírito do Senhor repousou sobre nós. Pude notar que havia um sentimento bom nos corações daqueles que tinham demonstrado ressentimento e disse-lhes que expusessem o caso, mas eles afirmaram que nada tinham a dizer. Os maus sentimentos desapareceram, pois o Espírito do Senhor eliminou-os, e eles sabiam que deviam perdoar uns aos outros.” (Em *Journal of Discourses*, 21:366–7.)

Assim era John Taylor!

Ironicamente, embora fosse proclamado campeão da liberdade, como profeta passou muito tempo no exílio, por causa da intensa perseguição do governo dos Estados Unidos aos santos. Em conseqüência, sob sua direção grandes colônias de santos emigraram para o México e Canadá.

Durante um período difícil, Élder Taylor disse: “No que me concerne, digo que venham todas as coisas como Deus as ordenou. Eu não desejo provações; não desejo tribulações . . . Mas se os terremotos rugirem, os raios faiscarem, os trovões retumbarem, e as forças da escuridão forem soltas, e o espírito do mal tiver permissão para alastrar-se, e uma influência maléfica atingir os santos, se minha vida, assim como a deles, for testada — que tudo venha, pois somos os santos do Altíssimo . . . Sinto que devo concordar e empenhar-me no trabalho, qualquer que seja ele. Se for para a paz, que haja paz; se for para a guerra, que seja com a espada em punho”. (Em *Journal of Discourses*, 5:114–115, 122.)

Felizmente, houve um término pacífico para o conflito, mas sem o espírito corajoso de John Taylor durante aqueles tempos difíceis, muitos santos teriam perdido a fé. Ele foi um exemplo óbvio da verdade de que a coragem é contagiosa. Pode ser assim também em nossa própria vida e na vida daqueles que influenciemos. □



Eventos mais importantes da vida de John Taylor 1808–1887

Ano	Idade	Evento
1808	—	1º de novembro: Nasce em Milnthorpe, Inglaterra.
1822	14	Trabalha como tanoeiro (que faz barris) e como torneador de madeira.
1824	16	Entra para a Igreja Metodista.
1832	24	Emigra para o Canadá.
1836	27	É batizado, ordenado élder e dirige a Igreja no Canadá.
1838	30	19 de dezembro: É ordenado Apóstolo.
1839–41	31–33	Cumpre a primeira missão na Inglaterra.
1842–46	34–37	Serve como editor do <i>Times and Seasons</i> .
1844	35	É gravemente ferido na Cadeia de Carthage, no martírio de Joseph Smith.
1846–47	37–38	Cumpre a segunda missão na Inglaterra.
1847	38	Lidera um grupo de santos para o Vale do Lago Salgado.
1849–52	41–44	Preside a obra missionária na França e na Alemanha.
1855–57	47–49	Preside a Missão dos Estados do Leste.
1857–76	49–68	Serve na Legislatura Territorial de Utah.
1877	68	29 de agosto: Torna-se líder da Igreja como Presidente do Conselho dos Doze Apóstolos.
1878	69	11 de agosto: Organiza a Associação da Primária.
1880	71	10 de outubro: Apoiado Presidente da Igreja.
1885	76	Fevereiro: Retira-se para o exílio, devido à perseguição do governo dos Estados Unidos.
1887	78	25 de julho: Morre em Kaysville, Utah.

OLÍVIO GOMES MANUEL

O SEGREDO DE SEU SUCESSO

Lisa A. Johnson
FOTOGRAFIA: TIRADA PELO AUTOR

Todos já devem ter ouvido uma história miraculosa sobre o rapaz ou moça criado na pobreza, que sobrepujou grandes obstáculos para tornar-se um campeão mundial de atletismo, rico e famoso.

Temos uma história similar, mas começa de maneira ainda pior e termina muito melhor. Parece impossível? Leiam.

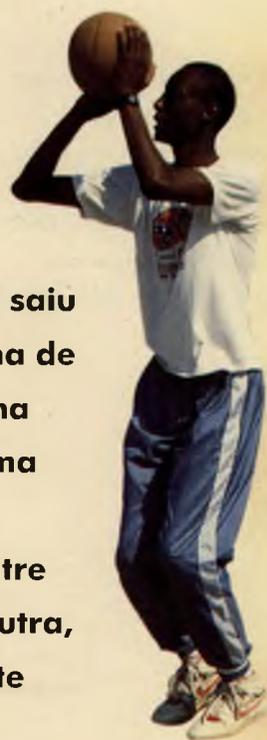
Olívio Gomes Manuel cresceu numa pequena vila angolana. Ele e os sete irmãos e irmãs viviam numa cabana de pau-a-pique de dois cômodos, chão de terra e telhado de sapé. Não havia água encanada nem eletricidade.

Quando Olívio tinha nove anos de idade, seu país foi atirado numa guerra civil extremamente violenta, na qual milhares de pessoas morreram, ou simplesmente desapareceram. Depois,





Olívio Manuel saiu de uma cabana de pau-a-pique na África para uma missão em Portugal e, entre uma coisa e outra, jogou basquete profissional.





Ele estava em Portugal, jogando basquete havia apenas um mês, quando viu dois rapazes, usando ternos elegantes. Disseram que queriam falar-lhe.

quando a maior parte do conflito havia terminado, a fome varreu Angola, e milhares mais morreram de fome. “Não era uma vida boa”, diz Olívio, com uma voz profunda e doce. Moderação no falar é uma característica dele.

Olívio, contudo, foi salvo da fome devido à sua incrível altura e agilidade. Conseguiu jogar basquete em troca de alimento. “Deus me abençoou”, diz ele.

Com onze anos, aproximadamente, Olívio tinha 1,90 m. Já jogava basquete profissional havia cerca de dois anos. “Profissional” significava que a companhia que patrocinava a equipe às vezes lhe dava comida nos dias de jogo. Em algumas semanas, aquelas eram as únicas refeições completas que Olívio fazia.

O melhor de tudo eram as viagens para jogar, pois forneciam todas as refeições. Olívio jogou na Nigéria, Algéria, no Zaire e até na Checoslováquia. “Estive lá durante dez dias, e deram-nos dinheiro para comprar alimento”, conta Olívio. “Com esse dinheiro, comprei roupas e sapatos para minha família. Era difícil comprar roupas em Angola, por causa dos altos preços.”

Olívio tinha sido criado pelos pais para ser um bom cristão, mas houve tempos em que sua fé foi provada. “Se Deus existe, como pode permitir que tantas pessoas morram, que tantos sofram?” perguntava. Ainda assim, Olívio não podia negar que Deus tivera influência na sua sobrevivência, e sentia que estava

sendo preparado para alguma coisa.

Quando Olívio tinha dezessete anos, jogou numa equipe do exército angolano. Todos os rapazes do país eram obrigados a servir no exército por tempo indeterminado. Olívio também participou da seleção nacional.

Foi aí que começou a sonhar com a idéia de jogar em Portugal. Falava fluentemente a língua portuguesa. (Angola foi colônia de Portugal, e a língua oficial é a portuguesa.) Além disso, Olívio soube que os jogadores profissionais em Portugal realmente recebiam salários. Ele poderia mandar dinheiro para a família.

Olívio levou alguns anos para obter um visto para Portugal, mas, uma vez lá, em poucos dias encontrou uma equipe profissional que o contratou. Tinha não só a altura que eles queriam (2 metros), mas também a habilidade.

Em apenas um mês, encontrou algo mais. “Eu estava no metrô e vi esses dois rapazes — eram bem jovens, mas usavam ternos elegantes e disseram que queriam falar-me. Eu concordei”.

“Começaram a ensinar-me as palestras. A história de Joseph Smith me surpreendeu, mas eu me senti bem a respeito dela. Tudo soava bem. Uma semana mais tarde, fui a uma conferência. Comecei a frequentar as reuniões e, depois, fui batizado. O batismo é para a remissão dos pecados. Eu era uma boa pessoa, mas sabia que precisava ser batizado.”

Olívio não sabia a que o batismo



"A história de Joseph Smith me surpreendeu, mas eu me senti bem a respeito dela. Tudo soava bem. Uma semana mais tarde, fui a uma conferência . . . e depois fui batizado." Agora ele está cumprindo missão.



O basquete é tão natural para Olívio como o nadar é para um peixe. Parece que ele foi feito para isso.

o conduziria. Quando não estava jogando basquete, estava na igreja. “Tentava ir sempre à igreja. Toda vez que eu ia, minha mente se abria, e eu aprendia um conceito novo. Sentia-me ótimo”.

Um ano depois, um dos colegas americanos da equipe disse: “Ei, você é mórmon. Os mórmons não servem como missionários? Você sairá da equipe e irá para a missão também?”

Aquilo fez Olívio começar a pensar. “As coisas que aprendi tinham significado para mim, e eu disse: Bem, se essas coisas vêm de Deus, tenho que as explicar às pessoas”.

Deixar o basquete, porém, seria difícil. Olívio tinha acabado de entrar para a seleção portuguesa, e sua equipe profissional ofereceu-lhe um contrato muito vantajoso: bastante dinheiro, um carro e um apartamento luxuoso.

“Era uma decisão difícil deixar o basquete, por isso resolvi receber a bênção patriarcal. A bênção declarava que eu ia servir ao Senhor, e assim decidi ir. Deus me preparou para vir aqui e encontrar o evangelho, dando-me talento para jogar basquete. Não vejo problema em deixar o basquete para servi-lo. Acho que posso ajudar muitas pessoas.”

Agora, élder Olívio Gomes Manuel, que saiu do norte de Portugal há quase dois anos para servir no sul do país, está ajudando muita gente. É conhecido na missão pelo sorriso franco, a natureza sincera, o trabalho diligente e o relacionamento amistoso com as

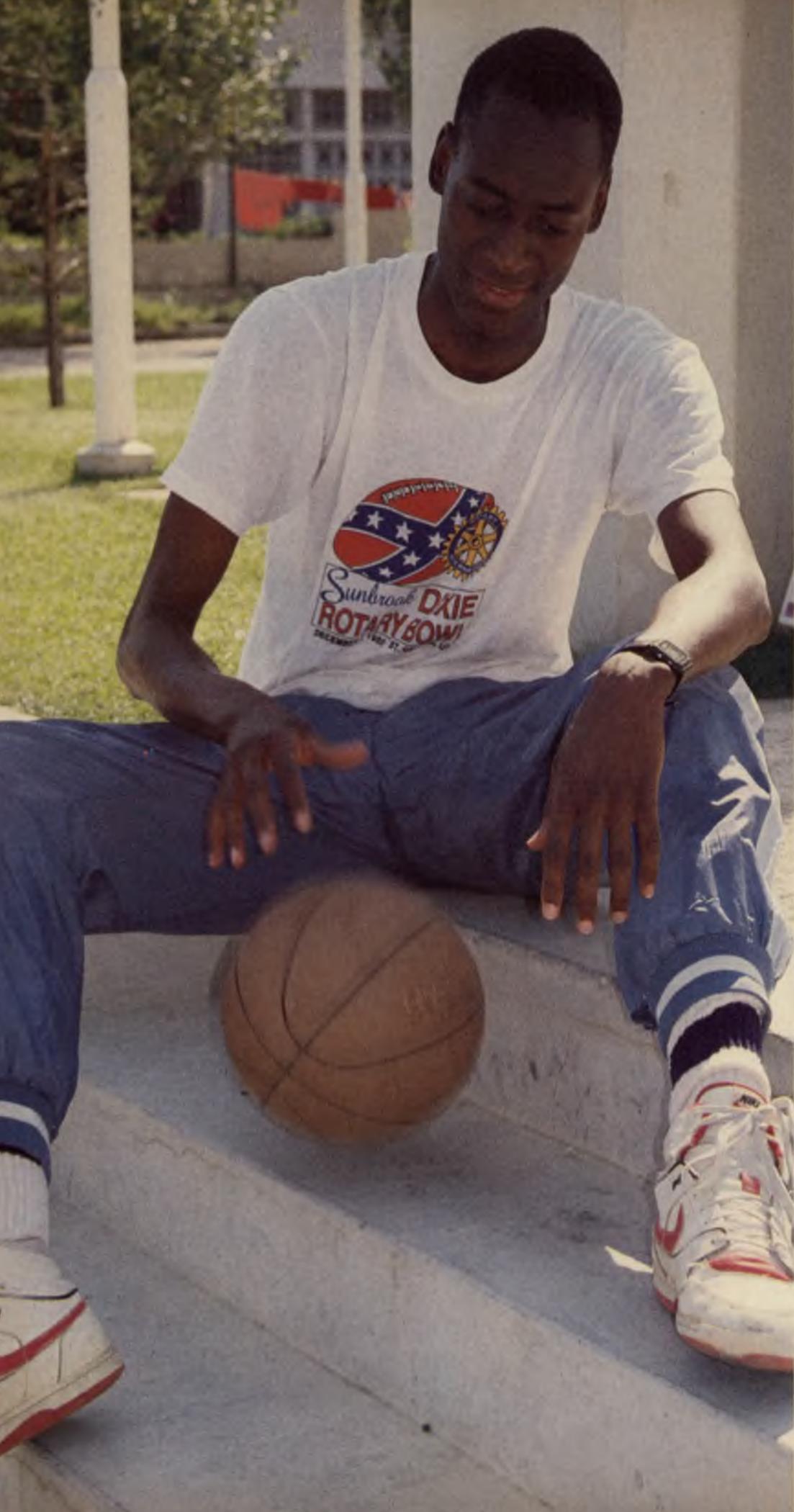
pessoas mais baixas que ele.

Esse não é o tipo de fama que faz de alguém uma estrela em rede nacional de televisão, mas, sim, uma estrela nas eternidades. E embora Olívio não ganhe grandes somas, provenientes de contratos gigantescos e patrocínios, ele sabe que a recompensa eterna será muito maior.

Ainda assim, os olhos de Olívio se iluminam quando ele tem nas mãos uma bola de basquete, no dia de preparação dos missionários. Vendo-o deslizar pela quadra de basquete, nota-se que o basquete é tão natural para ele como o nadar para um peixe. Parece que foi feito para isso. Uma vez terminada a missão, Olívio gostaria de usar o basquete para pagar os estudos numa universidade. Depois, quer retornar a Angola “para ajudar a Igreja e ajudar as pessoas de lá a se desenvolverem”. Élder Manuel fala agora, principalmente, o português, mas lembra-se da língua nativa, um dialeto africano chamado Quinbondo, e também sabe inglês.

Embora o fim desta história esteja longe de ser escrito, ela já é uma história de sucesso tão grande quanto o próprio élder Manuel. Afinal, o jogador profissional mais rico do mundo não pode comprar o caminho para o céu. Não importa quantos autógrafos ele dê, pois se o seu nome não estiver escrito no livro da vida, nada significará.

Élder Manuel já conquistou mais sucesso do que poderia sonhar, e seu segredo é simples: “Eu escuto Deus, e quando faço o que ele diz, ele me abençoa”. □



Olívio já obteve mais sucesso do que poderia sonhar, e seu segredo é simples: "Eu escuto Deus, e quando faço o que ele diz, ele me abençoa."



CARLOS E MARIA ROIG

UMA MUDANÇA DE CORAÇÃO

Marvin K. Gardner

E stá bem! Eu já ouvi os missionários”, disse Carlos à esposa. “Mas não quero saber mais. Eu não acredito nisso. E *nunca* vou acreditar em Joseph Smith!”

Carlos estava acostumado a ter as coisas a seu modo. Como engenheiro civil, era muito respeitado pela comunidade profissional, tinha muitos amigos importantes e era membro de diversos clubes da elite social de Assunção, Paraguai.

Durante os oito anos de casados, porém, parecia que Maria sempre estava a implorar-lhe que desse mais uma oportunidade à Igreja. “Eu continuava chorando e discutindo com ele”, conta ela. “Então, um dia, ele se cansou, arrumou as malas e foi embora!”

Ela ficou sozinha com os três filhos, na bela casa que o próprio Carlos havia desenhado e construído. E teve muito tempo para pensar.

Em 1961, aos doze anos, Maria Teresa Ambrasath foi batizada, junto com a mãe e quatro irmãs. Estavam entre os primeiros membros da Igreja no Paraguai. Quando Carlos Alberto Roig começou a cortejá-la, sabia que ele não era membro da igreja. Naquela época, porém, havia

poucos rapazes solteiros na Igreja em Assunção. Carlos era um rapaz educado, atraente, de cabelos negros ondulados, estudado e com uma carreira promissora. Maria era uma bela loira descendente de europeus. Eles faziam um casal perfeito. Carlos levava-a de carro até a Igreja e voltava mais tarde para buscá-la.

Depois de se casarem, em 1970, e começarem a formar uma família, Maria continuou ativa na Igreja, servindo como professora e presidente nas auxiliares da ala e da estaca. “Carlos continuou a levar-nos para a Igreja e a buscar-nos mais tarde”, conta Maria. “As pessoas viam-no e diziam-me: ‘Seu marido vai ser membro da Igreja um dia’. Mas ele nunca assistia às reuniões”.

Desde o começo do casamento, Maria tentou fazer com que Carlos se interessasse pelo evangelho. “Todas as noites, eu lia os livros da Igreja para ele enquanto estava deitado”, diz ela. “O evangelho era tão interessante e importante para mim, que queria dividi-lo com ele. Queria que ele soubesse tudo que eu sabia”.

Sem perceber, Carlos passou a acreditar em algumas das coisas que ouvia. “Eu li tanto para ele”, diz ela, “que quando conversávamos sobre religião com amigos, Carlos não percebia que estava transmitindo doutrina da igreja; ele achava que estava falando da *sua* religião”.

Resistia inflexivelmente, porém, à idéia de mudar de religião. De vez em quando, devido as súplicas de Maria, ele ouvia os missionários, mas de nada adiantava. “Chorei

Em sua casa em Assunção, Paraguai. Na frente: Andrea (4) e Sandra (6). Segunda fileira: Verônica (14), Carlos, Maria e Marcelo (12). Atrás: Nathalia (17), Carolina (21) e o marido de Carolina, Gabriel Cella.



Apesar de Carlos resistir à idéia de mudar de religião, Maria manteve a esperança nas promessas de sua bênção patriarcal. Ela tornou seu lar um lugar agradável e alegre e procurou ser um bom exemplo do que acreditava. “Agora não tenho mais tempo para meus clubes sociais”, diz Carlos. Em vez disso, ele prefere passar o tempo em casa com a família.

muitas vezes por causa disso, quando estava sozinha”, diz Maria, “e sempre discutíamos sobre o assunto”.

Felizmente, Carlos voltou para casa dois dias depois de ter partido naquele momento de raiva. E, pouco tempo depois, algo aconteceu que mudou o coração de Maria e seus sentimentos para com o marido.

“Foi chamado o primeiro patriarca no Paraguai, e eu pedi minha bênção patriarcal”, lembra ela. “Na bênção, o Senhor me assegurava que, se magnificasse meu chamado de esposa, mãe e filha de Deus, além dos outros chamados na Igreja, tudo iria acabar bem. O Senhor me prometeu que tocava o coração de meu marido, e que poderíamos ir ao templo e ser selados. Foi-me dito que não chorasse mais por causa disso. (Como o patriarca podia saber que eu passara todo o dia anterior chorando por esse motivo?)”

Quando ela contou a Carlos sobre a bênção, ele fez pouco caso, dizendo-lhe que aquilo nunca iria acontecer.”Eu, porém, tinha muita fé e esperança na bênção patriarcal”, diz ela. “Daquele momento em diante, nunca mais insisti com ele a respeito da Igreja. Em vez disso, comecei a fazer o que minha bênção patriarcal me dizia que fizesse.”

Ela tornou seu lar um lugar agradável e alegre, procurando ser um bom exemplo do que acreditava. Guardava o dia do Senhor, cumpria seus chamados na Igreja e ia com os filhos às reuniões e atividades. “Jejeuei e orei por Carlos”, diz ela. “Meus filhos e eu realizávamos

noites familiares e sempre o convidávamos a participar. Nas orações familiares, sempre orávamos para que ele um dia aceitasse o evangelho. Quando era sua vez de orar, porém, ele sempre pedia ao Senhor que não o deixasse perder a fé nem afastar-se da sua igreja!”.

Maria também estava preparando Carlos para o dia em que ele começasse a pagar o dízimo. “Pedia-lhe que me desse dez por cento de suas rendas extras. Eu pagava meu dízimo com isso. Ajudava-o a acostumar-se a viver sem os dez por cento”.

Numa quinta-feira, ao preparar o desjejum, Maria sentiu fortemente que deveria orar para que Carlos tornasse a ouvir os missionários. “Naquele mesmo instante comecei meu jejum”, diz ela.

Surpreendentemente, dois missionários foram visitá-la por acaso naquela tarde. “Fazia muito tempo que os missionários não iam à nossa casa”, diz ela. “Eu lhes contei que estava jejuando naquele dia por Carlos. Disseram: ‘Nós jejuaremos com a irmã. E vamos batizar o seu marido! Quando podemos voltar?’”.

Maria pediu-lhes que voltassem na noite da segunda-feira seguinte, porque era o único dia em que Carlos não ia a um de seus clubes depois do trabalho. Na segunda-feira, ela e os dois missionários começaram um novo jejum. Ela nada dissera a Carlos sobre a visita dos missionários.

Quando Carlos voltou do trabalho, naquele dia, avisou que iria ao clube jogar tênis. “Fiquei tão



desapontada!” diz Maria. “Ele nunca jogava tênis na segunda-feira. E eu tinha certeza de que não voltaria até bem tarde. Não sabia como pedir-lhe que ficasse. E, assim, ele acabou indo”.

Às seis e meia da tarde, os missionários chegaram. Chorando de constrangimento e decepção, Maria explicou que Carlos não estava em casa. “Nós estávamos jejuando por ele!”, disse ela. “Como foi que as coisas acabaram saindo desse jeito?”.

Entretanto, a pessoa com quem Carlos havia combinado de jogar tênis não apareceu. E ninguém mais apareceu! “Não havia com quem jogar”, lembra ele. “Era muito estranho. E, assim, voltei para casa”.

Os missionários ainda estavam lá, e, por alguma razão, Carlos teve vontade de conversar com eles. Esse foi o início de seis meses de séria pesquisa.

Foram seis meses difíceis. “Enquanto os missionários o ensinavam”, diz Maria, “o Espírito estava presente. Quando, porém, saíam, o Espírito parecia ir com eles, e Carlos ficava por conta própria. Eu jejuava freqüentemente por ele”.

“Um élder uruguaio que me ensinou tinha uma personalidade muito parecida com a minha”, diz Carlos. “Tivemos várias discussões. Eu fazia perguntas difíceis, ele as esclarecia, e eu tentava refutar as respostas. Eu gostava de debater a respeito do evangelho daquela maneira. Queria a mensagem direta, e ele ajudou a esclarecer muitas coisas.”

“Por fim, decidi fazer a minha parte e ver o que aconteceria”, diz ele. “Parei de fumar. Costumava fumar dois maços por dia. Parei de beber. Comprei alguns livros católicos, estudei-os todos, e conversei com meu tio, que era padre católico. Comprei, então, um livro a respeito da história da Igreja mórmon.” Carlos tirou licença do trabalho, esperando encontrar um lugar calmo para estudar e meditar.

Então, como se tivesse sido combinado, um parente ligou e ofereceu sua casa aos Roigs por duas semanas. Ficava num lugar tranqüilo, no interior do país. Era justamente o retiro de que precisava.

“Sentei-me, li e orei”, diz Carlos. “Li a história e a doutrina. Naquela época, eu já me convencera de que devia ser verdade. Precisava apenas tomar a decisão.”

“Havia algo dentro de mim, porém, que me impedia de fazê-lo. Perguntei-me qual seria o problema. Certa noite, em meu quarto, estava com a Bíblia e o Livro de Mórmon abertos. Encontrei uma escritura que dizia que se quiséssemos chegar-nos ao Senhor, deveríamos pedir perdão àqueles que ofendemos. (Vide 3 Néfi 12:23–24.) Essa escritura realmente me fez pensar. Quem eu havia ofendido?”

De repente, soube o que precisava fazer. “Havia algo em minha vida que eu precisava confessar e do que precisava arrepende-me, mas, com medo de perder minha família e de perder tudo, não contara a ninguém. Senti que precisaria arrepende-me completa e



Carlos desenhou e construiu sua casa com muito espaço para a família e os amigos. Dedicou a casa, após o término da construção. "Um espírito de amor e alegria reina aqui", diz ele. "São bênçãos realmente inimagináveis."

sinceramente. Acreditava em Cristo, e, naquele momento, fui iluminado com a verdade que até então não aceitara: Joseph Smith era um profeta. Fui também iluminado com tudo que se relacionava ao evangelho. Naquele instante, meu coração se humilhou.

"Então procurei minha esposa e disse: 'Você vai chorar. E vai ser difícil'. Sabia em meu coração que poderia perder tudo, inclusive minha família. Não podia, contudo, permanecer em silêncio. Foi difícil, mas Maria aceitou meu arrependimento.

"Sua compreensão, amor e fidelidade mudaram tudo em mim", diz ele. "Lembrei-me de Saulo de Tarso, cuja vida se transformou completamente após ter visto o Senhor. Era o que havia acontecido comigo: uma mudança de 180 graus."

Carlos foi batizado pouco tempo depois, no dia 14 de fevereiro de 1984. Um ano mais tarde, ele, Maria e os filhos foram selados no Templo de São Paulo. "A bênção patriarcal de minha esposa se cumpriu", diz ele.

Outra promessa também foi cumprida. Alguns anos antes, quando Verônica nasceu, Maria levou-a à Igreja para ser abençoada. "Um missionário me disse: 'Quando esta criança tiver oito anos de idade, seu marido irá batizá-la'". Verônica estava com sete anos quando seu pai se filiou à Igreja; ele a batizou no ano seguinte.

Logo depois do batismo, Carlos foi chamado como conselheiro na presidência da Escola Dominical. Seis meses mais tarde, tornou-se presidente do quorum de

élderes. Um ano depois do batismo, ele se tornou bispo. Quatro anos depois, tornou-se presidente da Estaca Assunção Paraguai. Ainda hoje servindo nesse chamado, Carlos já passou mais da metade de seu tempo de Igreja como presidente de estaca.

Tornar-se membro da Igreja trouxe alguns sacrifícios. "Quando fui batizado, meu pai, que era oficial das forças armadas, disse-me: 'Não és mais meu filho'. Falei com ele com amor e prestei-lhe testemunho da Igreja. Ele, porém, rejeitou-me e tratou-me como se tivesse traído a família. E meus irmãos e irmãs afastaram-se de mim".

A mãe de Carlos havia estudado o evangelho em segredo, muito antes de Carlos ser batizado. Converteu-se e marcou a data do batismo. "Meu pai, porém, não concordou. Disse a ela: 'Se fores batizada, não voltes para casa'. Assim, ela não foi batizada antes de falecer".

Anos depois, seu pai ficou muito doente, e Carlos passou muitos dias e noites com ele. "Antes da morte de meu pai, um padre católico foi ministrar-lhe os últimos sacramentos. Meu pai, porém, disse-lhe: 'Não quero recebê-los. Estou com meu filho.' O padre protestou: 'Precisamos fazer as orações'. Meu pai disse: 'Não. Vou fazê-las com Carlos'. Suas últimas palavras antes de morrer foram: 'Carlos, se eu viver, minha vida vai mudar.' Quando ele disse isso, soube que deveríamos realizar as ordenanças no templo por ele e minha mãe. E o fizemos".

Carlos e Maria têm cinco filhas e um filho. Carolina tem vinte e um anos e casou-se no templo com Gabriel



FOTOGRAFIA DE MARVIN K. GARDNER



Cella. Nathalia tem dezessete anos, Verônica tem quatorze, Marcelo doze, Sandra seis e Andrea quatro. “Lembro-me das experiências que passamos quando nosso pai não era membro da Igreja”, diz Carolina. “Agora, quando vejo meu pai, geralmente fico muito emocionada. Agradeço ao Pai Celestial”.

Nathalia concorda. “Quando meu pai saiu de casa zangado naquele dia, chorei muito. Pensei que ele nunca mais voltaria. Sempre tivéramos uma família unida e nossa mãe sempre dizia que poderíamos ter uma família eterna. Por isso foi difícil. Hoje, porém, eu o vejo no púlpito, dando conselhos. É um milagre”.

Depois que Sandra nasceu, o médico aconselhou Maria a não ter mais filhos. “Nós, no entanto, oramos”, diz o presidente Roig, “e ambos sentimos que nosso Pai nos dizia: ‘Podem ter mais’”. Quando Maria ficou grávida, o médico disse que ela iria perder a criança. Dei-lhe, porém, diversas bênçãos e jejeuei por ela. Andrea nasceu sem problemas. O médico não podia acreditar”.

As bênçãos continuaram a multiplicar-se. “Cada vez que um de nossos filhos nascia”, diz ele, “eu recebia mais trabalho em minha profissão, e meu salário aumentava. Minha bênção patriarcal diz que todos os bens que possuo devo usar para o Senhor. E o Senhor me abençoa com muito”.

Um ano depois de Carlos filiar-se à Igreja, ele e Maria decidiram que sua casa era muito pequena para uma família que estava crescendo. Assim, Carlos desenhou e

construiu uma casa nova e maior. Ela é bonita e espaçosa, com muito espaço para os filhos e amigos. Nathalia estuda piano na sala de estar. Verônica faz seus deveres de casa na mesa da sala de jantar. Marcelo brinca fora com Alfie, seu cocker spaniel. E Sandra e Andrea dão uma festa para suas bonecas. As visitas são tratadas como parte da família. No quintal dos fundos há uma churrasqueira, um pátio coberto, um trampolim e uma piscina. A horta está cheia de verduras, abacaxis e cana-de-açúcar. As árvores estão carregadas de frutos: bananas, laranjas, goiabas, abacates e mangas.

Carlos dedicou sua casa quando terminou de construí-la. “Um espírito de amor e alegria reina aqui”, diz ele. “Estamos procurando cumprir o que o Senhor espera de nós. E todas essas coisas nos foram acrescentadas, exatamente como dizem as escrituras”.

“São bênçãos realmente inimagináveis”, diz ele. Estremece ao pensar o quão perto esteve de perder, ou desistir de tudo. “Agora não tenho mais tempo para meus clubes sociais. Dedico a maior parte do meu tempo ao Senhor. Enquanto dirijo, penso nos membros da estaca e seus problemas. Há muito o que fazer. Desperdicei quarenta anos da minha vida. Agora preciso dedicar meu tempo ao Senhor.”

“Carlos é o melhor membro da Igreja que conheço”, diz a irmã Roig. “Ele magnifica seus chamados, ama o evangelho e é o maior defensor de Jesus Cristo e Joseph Smith que conheço.” □

SOU UMA MULHER “ESCONDIDA PELO LAR”?

Petrea Kelly

Uma *Mulher Escondida pelo Lar*. O título, no catálogo de livros, atraiu-me a atenção repetidas vezes — *Uma Mulher Escondida pelo Lar*. Seria a história da minha vida? Peguei o livro na biblioteca. Era um diário escrito por uma mulher que vivera no sul dos Estados Unidos no início do século; um registro agradável e caseiro de sua vida agitada, enquanto gerou e criou uma numerosa família, amou o esposo, entreteve amigos e cuidou dos pais idosos. Ela era muito parecida comigo, uma boa mulher, trabalhadora, bondosa, admiradora de todas as belezas da natureza. Seus escritos eram similares a alguns dos meus — cheios de alegria pelas pequenas realizações dos filhos, preocupação com dores de dente e de ouvido, encantamento diante do desabrochar da primavera. Ela, contudo, denominava-se “uma mulher escondida no lar”. Tinha um talento óbvio para escrever, mas nunca conseguiu muito tempo para desenvolvê-lo. A área física de sua vida era pequena, mal chegando à vila mais próxima.

Será que eu me via como “uma mulher escondida pelo lar?”, pensei. Sim, sou uma mulher caseira, mas será que as paredes e o telhado da minha casa se tornaram como o alqueire sobre a candeia da minha luz pessoal?

Nos meus vinte e cinco anos de casada, a posição da mulher na sociedade tem sido assunto de muito debate e confusão. Quando me formei na universidade, não fui aceita num emprego de professora porque estava grávida — uma norma municipal aplicada estritamente. Naqueles dias, esperava-se que mulheres grávidas e a maioria das outras mulheres, com ou sem filhos, ficassem encerradas em casa! Poucos anos depois, mulheres que ficavam em casa eram ridicularizadas na imprensa popular. O trabalho doméstico era tido como algo indigno, que não merecia a atenção das mulheres

importantes. (Elas esqueciam que, ainda assim, o trabalho doméstico tinha que ser feito por alguém, estivesse ela ou ele, se tornando ou não importante.) Poucos anos depois, parecia não restar nenhuma escolha para as mulheres. Quase todas que conheço hoje devem trabalhar meio período, ou em tempo integral, dentro ou fora de casa. Para muitas, é uma necessidade econômica.

Trabalhar fora livra a mulher do anonimato? Talvez, se ela estiver na televisão. A maior parte das mulheres que conheço, contudo, deve manter horários cuidadosamente controlados e limitar rigidamente suas atividades, a fim de trabalharem no emprego e cuidarem da casa e da família. Elas parecem escondidas num mundo pequeno, limitado pelas realidades de tempo e energia.

Eu ainda estava imaginando o que havia com a palavra *escondida*, que me chamou a atenção. Será que tinha algo a ver com a situação na qual eu freqüentemente me encontrava quando, ao conhecer pessoas novas, elas me faziam perguntas educadas acerca de nossos filhos e depois se voltavam, com um interesse óbvio, para o trabalho do meu marido e seus passatempos? Sim, em situações como essa, eu realmente me sinto escondida e tenho vontade de chorar: “Olhem de novo! Há uma





Winborg

pessoa aqui — não apenas a mãe de alguém e a mulher de um homem, mas uma pessoa com seus próprios interesses e talentos. Leio livros, tenho opiniões, às vezes sou até espirituosa — arrisquem; aprendam a conhecer-me!” Para aqueles que me conhecem bem e com quem não sou tímida, não sou uma pessoa “escondida”.

Se meu lar não é um alqueire sobre minha luz, então o que é? É uma sala — e eu, uma candeia colocada sobre o consolo, em cima da lareira, para iluminar aquela sala e todos que entrem no meu círculo de luz? Talvez a palavra *escondida* se aplique a uma pontinha de um orgulho infeliz dentro de mim — o desejo de ser uma cidade sobre um monte, em vez de apenas uma candeia em uma sala. Tenho medo de que seja isso.

Sei, porém, que o Senhor me deu uma luz, e que é exatamente a luz certa para o espaço onde habito: minha casa, família, vizinhança e ala. Sei que o trabalho que tenho a fazer é importante, e que ninguém mais pode iluminar o espaço ao meu redor. Sinto-me segura de que, a maior parte do tempo, o Senhor aprova as prioridades que estabeleci e o modo como cultivo minha própria luzinha. Também sei que, para manter essa luz brilhando, preciso empenhar os meus melhores esforços, talentos e energia. Sei que sou parte da cidade colocada sobre o monte, como o é todo membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Pode haver apenas poucas pessoas no mundo, de cada vez, com luzes tão brilhantes que iluminem uma cidade inteira, ou o mundo todo. Brigham Young foi uma dessas pessoas e freqüentemente recebe todo o crédito pela mudança da Igreja para o oeste e colonização de Utah e outros estados. No entanto, ele realmente não fez nada daquilo sozinho. Certamente, ele inspirou e orientou o povo, mas foram os milhares de pessoas com pequenas candeias, que realmente araram o campo, construíram cabanas e templos, assaram os pães, lavaram as roupas, construíram as cidades, compuseram as canções, escreveram as histórias, ensinaram as crianças, colheram as safras e fizeram todos os outros trabalhos relativos à colonização do oeste. Sem todas essas pequenas luzes, o sonho de Brigham Young nunca se teria tornado realidade.

O Presidente Joseph F. Smith disse: “Fazer bem feito as coisas que Deus ordenou que toda a humanidade fizesse é a verdadeira grandeza. Ser um pai ou mãe bem sucedido é muito mais importante do que ser um general

ou um estadista famoso” (*Doutrina do Evangelho*, Salt Lake City: Deseret Book, 1939, p. 259).

Sei de todas essas coisas mas, às vezes, ainda me sinto “escondida” e acho que não é o louvor do mundo que mudaria esse sentimento. Lembro-me do tempo em que, como mãe de quatro crianças bem pequenas e esposa de um marido muito ocupado, me sentia não apenas escondida, mas sepultada pela minha casa. Lembro-me vividamente de estar passando roupa num quarto, cheio de brinquedos espalhados pelo chão, assistindo à conferência geral pela televisão. Quando o Presidente Harold B. Lee falou, parecia que estava falando diretamente a mim. O Espírito entrou em meu coração naquele dia, para lembrar-me de que eu era filha de Deus e amada por ele. Lágrimas salpicaram a mesa de passar roupa quando senti seu amor — sentimento que eu havia esquecido.

Mais tarde, percebi que tinha estado ocupada demais com minha pequena família para estudar as escrituras e ir ao templo. A maior parte do tempo que passava na Igreja era gasto no corredor com bebês inquietos, em vez de participar da adoração. Eu pensava que ter lido as escrituras anos antes como missionária seria o suficiente para estar amparada o resto da vida. Eu me sentia “escondida” — afastada da presença do Senhor, mas não era verdade. Ele estava lá, mas eu não olhara para cima, para vê-lo e receber sua ajuda e bênção. Agora sei que não importa o quanto minha vida possa parecer insignificante para o mundo — desde que eu não esteja escondida do Senhor.

Então, sou “uma mulher escondida pelo lar”? Não, sou uma mulher que ilumina um espaço, que é a minha casa — compartilhando minha luz com outros que entram no meu círculo de iluminação. A minha casa e o trabalho que faço escondem meus talentos? Impedem-me de atingir meu potencial? Não, desde que eu decida não deixar que isso aconteça. Ser uma dona de casa, mãe e esposa não esconde o meu eu real mais do que o esconderia ser eu uma professora, operária de fábrica, enfermeira ou advogada.

Não, não sou “uma mulher escondida pelo lar”. Sou “uma mulher melhorada pelo lar”, uma “mulher incentivada pelo lar”. O mais importante, porém, é que sou uma filha amada pelo Pai Celestial, que nunca tira os olhos de mim. □



Maternidade, de Nancy Seamons Crookston



Nascido na África, Olívio Gomes Manuel sobreviveu à pobreza, à guerra civil e à fome, para tornar-se jogador de basquete profissional. Então encontrou dois missionários.

Vide "Olívio Gomes Manuel: O Segredo de Seu Sucesso", página 34.

